O Organizador Operário
Internacional
Fração Leninista Trotskista Internacional
Coletivo pela Refundação da IV Internacional
e-mail: fltinternational@ymail.com • www.flti-ci.org

Nova Época
Nº 38
25 de abril de 2023
Preço U$S 2
Solidário U$S 3

1º Maio 2023

OPERÁRIO, INTERNACIONALISTA
E PELA REVOLUCÃO SOCIALISTA

No meio da bancarrota capitalista mundial e do ataque do imperialismo

ENTROU AO COMBATE O PROLETARIADO FRANCÊS

Abaixo Macron e a V República!

Que volte a Comuna de París!

PERU

Por quê não caiu Dina?

As massas lutaram
Os dirigentes da CGTP as entregaram

OPERÁRIO, INTERNACIONALISTA E PELA REVOLUCÃO SOCIALISTA

Sumário

Um novo golpe da crise capitalista mundial*..... 2
Sobre a quebra do SVB e demais bancos..... 3
O revisionismo: Um câncer no marxismo..... 4

França *
Fora Macron e a V República! 6

África do Sul *
Ramaphosa deve cair! 11

Perú *
Por que não caiu Dina Boluarte?.....14
PTS: Um balanço escandaloso para salvar a burocracia stalinista da CGTP 18

Brasil
Os primeiros 100 dias do governo pró-imperialista de Lula-Alckmin.....20

Jornada internacionalista no 12° aniversário da revolução síria *
Vozes da resistência síria:: Steif Abu Yazan, Abu Mustafa, Abu Ahmed 22
Abu Muad, do periódico A Verdade dos Oprimidos.....16
Carlos Munzer, de "O Organizador Operário Internacional".....25

Iêmen
Um massacre aos famintos 30

Ucrânia: A mais de um ano da invasão russa… *
Por uma direção proletária da guerra para derrotar o chacal Putin e romper com o FMI!.....36

(*) As declarações sobre "Crise capitalista mundial"; "França"; "Peru"; "Ucrânia" e da "Jornada de Síria", foram debatidas e elaboradas como parte das resoluções do VI Congresso do Coletivo pela Refundação da IV Internacional - FLTI, realizado en março-abril de 2023

Perante a quebra do Silicon Valley Bank, o Credit Suisse e demais bancos imperialistas

Um novo golpe da crise capitalista mundial

Os valores, títulos e moedas circulantes entre os estados, empresas e bancos não se correspondem com os bens reais criados pelo trabalho humano

A revolução socialista mundial é a única saída à catástrofe capitalista que ameaça já com a guerra e o fascismo

Novamente o estouro capitalista está aqui... os bancos vão pro barranco...

As quadrilhas burguesas dos parasitas imperialistas procuram escapar do mesmo inferno que eles provocaram. Sabem sua receita, se salvar eles quebrando os estados e jogar sua crise às massas.

Os reis de Wall Street, Londres e Maastricht chamam a conselheiros, mágicos, bruxos de aldeias. Aí aparecem também os curandeiros do reformismo oferecendo receitas para enganar os operários.

Respondendo à crise da década de 30, Trotsky, no seu trabalho "O Marxismo e nossa época", escreve o seguinte, demolindo charlatões, druidas e enfermeiros do sistema.

"Os preços, quando oscilam arredor do valor do trabalho, flutuam por encima e por baixo de seus valores. As causas destas variações estão explicadas, completamente, no terceiro volume de O Capital no qual Marx descreve o processo de produção capitalista considerado no seu conjunto. No entanto, por grandes que possam ser as diferenças entre os preços e os valores das mercadorias nos casos individuais, a soma de todos os preços é igual à soma de todos os valores, pois em último termo, unicamente os valores que tem sido criado pelo trabalho humano se encontram à disposição da sociedade, e os preços não podem franquear esse limite. Inclusive se tem em conta o "monopólio dos preços" ou o "trust", onde o trabalho não tem criado um valor, nem o mesmo Rockefeller pode tirar nada."

O parasitismo imperialista criou valores não respaldados em bens. Tomou para si benefícios em conta de riquezas ainda não criadas pelo trabalho humano.

Os acionistas sabem disto, e quando esse roubo estoura, eles saem rapidamente e seus estados procuram resgatá-los. Nesta crise são atingidos também os estados, que ficam esvaziados.

Já é hora. Se a classe operária quer sobreviver deverá esmagar o sistema capitalista com a revolução socialista, ou ele o castigará com a guerra e o fascismo. Mas, antes o reformismo virá com seus curandeiros para salvar este sistema agónico. Os margens de concessões se estreitam ao máximo.

Abre-se um período de contrarreformismo. Os traidores deverão devolver aos estados capitalistas as moedas que estes deram para que os sustentem.

A mentira acaba...

17 de abril de 2023

Sobre a quebra do SVB e demais bancos

A nova ronda da crise econômica mundial golpeou, foi conhecida com a falência do Silicon Valley Bank, um banco comercial dos EUA que nasceu em 1983 ao calor do desenvolvimento do setor tecnológico e se converteu num banco no qual pelo menos a metade das tecnológicas estão imbricadas com depósitos, contas, investimentos, créditos, etc.

Durante a pandemia, enormes massas de capitais se colocaram nesse setor das tecnológicas. Tinha ganâncias já que essas aplicações aumentaram seu uso ao ser mais necessárias durante a quarentena. O SVB passou de ter um capital de 71 bilhões de dólares no começo da pandemia para 220 bilhões de dólares no final de 2021.

Essa superacumulação de capitais levou a que o SVB fizesse outros investimentos, como nos chamados "ativos de risco", por exemplo nos títulos lixo das hipotecas que outros bancos as consideravam incobráveis. Quer dizer, compra por duas moedas o direito de receber a dívida que outro banco tinha e não cobrou, e agora o SVB é o encarregado de cobrá-la.

Outros investimentos são os chamados "derivativos", que são contratos que hoje não tem um valor por si próprio, mas que são valores atrelados ao valor de um ativo a futuro (por exemplo, ações, ou uma tonelada de trigo ou de soja). É novamente um investimento em risco pois está sendo estimando o que vai acontecer, mas não temos a certeza de que assim seja.

E, como nunca se "colocam todos os ovos na mesma cesta", esses "investimentos de alto risco" se compensam com investimentos de baixo risco como é comprar títulos do tesouro norte-americano. Os títulos do tesouro norte-americano são os investimentos de "menos risco", no jargão dos capitalistas da bolsa de valores, porque é uma obrigação de pagamento do Estado Norte-americano que tem toda a economia dos EUA como respaldo de que vai ser solvente como para ser paga.

Queda das bolsas

Desta maneira, nos balanços, quer dizer, nos informes da situação econômica, financeira, contável, etc. das empresas, os contadores e CEOs das empresas, fizeram figurar todos estes investimentos assignando um valor, que não é o valor certo, mas um número representativo desta situação de investimento em alto risco ou baixo risco. Quer dizer, os balanços informavam não o que têm mas o que acreditam que vão ter.

No entanto, o que aconteceu é uma lei do capitalismo. A tendência à queda da taxa de lucro. Num momento que dão lucro, todos os capitais se colocam "anarquicamente" nessa produção, quer dizer, sem um plano de quanto faz falta produzir, quanto produz o do lado, e nem sequer se o que é produzido vai se vender ou não.

Então teve um superinvestimento. Se investiram mais capitais do que os verdadeiros que se geravam nessa rama. Então esses capitais não obtiveram a rentabilidade que esperavam, e se foram de aí. Quer dizer, ao cair a taxa de lucro (a rentabilidade obtida para cada dólar investido) os capitais se retiraram.

Assim, teve uma fuga massiva de capitais do setor das tecnológicas e um desinvestimento no SVB. Esse banco começou sofrer saques de depósitos e uma descapitalização, tanto que o passado 8 de março deveu afrontar um pagamento de 2,5 bilhões de dólares e não contava com liquidez para fazer isso. Teve que sair vendendo títulos do tesouro norte-americano para cobrir o pagamento, mas o fez por menos do que figuravam no balanço, porque os títulos que por na época esse banco tinha comprado já tinham caído porque fazia muito tempo que a China e o Japão, os maiores detentores de títulos dos EEUU, os tinham vendido massivamente.

Então o SVB tinha em seus balanços valores inflados dos títulos do tesouro norte-americano, já que não valiam isso nos mercados. E se essa é o investimento de menor risco, nem que falar do que aconteceria com os investimentos de risco. Então, tiraram massivamente os fundos destes bancos, as ações caíram 60% na quinta feira e na sexta seguinte diretamente fecharam as portas.

17 de março de 2023

O revisionismo: Um câncer no marxismo

Nova quebra dos bancos nos EUA e na Europa. Aguça-se a época de crise, guerras e revoluções

O capital e os parasitas imperialistas partilham os lucros fictícios que o trabalho humano ainda não criou.

Os créditos com taxa 0%, outorgados pelos bancos centrais dos países imperialistas, ou bem os colocaram os banqueiros e as transnacionais em seus bolsos, ou bem foram utilizados para subir ficticiamente o valor de suas ações.

Sem bens criados pelo trabalho humano, não existe nem Deus nem Demónio que possa criar riquezas e valores a títulos e moedas circulantes.

Novamente, um golpe mais do crash mundial. Os capitalistas esvaziaram as caixas dos Estados, se cobraram suas falências de 2008 e de 2019-2020, lhes jogaram as crises às massas e, como se fosse pouco, um punhado de acionistas do capital financeiro se colocaram os créditos que salvava suas empresas e bancos como lucros nos seus bolsos. As ações de suas empresas subiam ficticiamente pelos superlucros que partilhavam. Isso funcionou até que apareceram os balanços reais que demonstraram que estava tudo desenhado.

Agora procuram sanear essa crise com inflação. Essa é a forma pela qual os estados e os capitalistas tiram uma parcela dos lucros extras aos trabalhadores no mercado de consumo para cobris seus déficits e seu latrocínio aos estados. E fazem isso ainda à custo de desvalorizar ao mesmo capital.

Os EUA, em bancarrota, jogam sua crise ao mundo. Necessita dólares para cobrir seu enorme déficit estatal e para isso também aumenta a taxa de juros. O mundo, os estados e as mesmas empresas se estrangulam com suas dívidas.

A Europa imperialista, exausta pelo aumento da energia, se encontra em recessão e em um estado inflacionário já aberto. Novamente seus títulos e fundos ficarão desvalorizados e presos em Wall Street com o estouro, nestes dias, da cadeia de grandes bancos dos EUA.

O capitalismo é um cão raivoso e irracional mordendo seu próprio rabo, que se sustenta com mais e mais barbáries.

Nem que falar da China, que vem de presenciar um estouro de uma enorme bolha imobiliária no seu interior. Para cobrir suas novas perdidas, se desprendeu dos títulos do tesouro dos EUA, mas para comprar minerais e insumos para as transnacionais e as grandes empresas chinas em *crash.*

Como dize Lenin, **o imperialismo é parasitismo.**

O mesmo caminho que tem esse para asir de sua crise terminal é a guerra. Aí, criando forças destrutivas, o capital procura se recuperar num mercado que é limitado para destruir e depois construir. O imperialis-

O que aconteceu foi que os capitalistas não obtiveram lucros em seus investimentos, então se retiraram. Isso não é o caso de só um banco isolado. Essa é a situação de outros bancos comerciais dos EUA, que também começaram cair em cadeia, como foi o Signature Bank (ligado a criptomoedas) ou o First Republic Bank. Todos caíram porque fizeram, como parasitas, "investimentos de risco" em derivativos, etc. cobertos por títulos do tesouro norte-americano, dos quais caíram os preços. Caíram porque não tem nenhum investimento num setor no qual se produza valor real capaz de dar respaldo para esses investimentos, e que o capital recompusesse o lucro. Isso é o que subjaze em cada crise.

Não se trata dos maus negócios de tal o qual banco... mas de que **todo o sistema não encontra lugar na produção para recompor seu lucro e por tanto todos os valores fictícios acumulados nos bancos saíram à luz.**

Somando todos os bancos norte-americanos tem 620.000 milhões de dólares de diferença entre os balanços bancários e os valores do mercado.

E nem que falar da Europa, onde todos os bancos também foram pro barranco. O segundo banco mais importante da Suíça, o Credite Suisse, foi absorvido, o mesmo com a filial do SVB na Inglaterra, enquanto o Deutsche Bank e Societe General francês mostraram fortes quedas. Todos estão pregados no mesmo processo.

A única resposta até o momento é que os estados imperialistas saíram para cobrir certos depósitos e dos superbancos da oligarquia financeira começaram absorber bancos quebrados. Mas assim, tomam para si as dívidas dos títulos lixo e incobráveis dos que eles mesmos tinham se desprendido após o crash de 2008. É uma tentativa de retrasar a crise para que ainda não os atinja a eles e fazer frente com seus capitais, mas, como dizemos, é um cachorro que come seu próprio rabo, pois de novo voltaram a encher de títulos sem valor.

Não tem solução sem novos valores criados pelo trabalho humano que deem respaldo a tanto valor fictício que criou essa manga de parasitas. O capitalismo ainda não cria um ciclo de investimentos, não recompõe seu lucro. Pela frente, a alternativa de ferro é socialismo ou barbárie e guerra.

mo mostra todo o parasitismo de um sistema fedorento em decomposição.

Na guerra da Ucrânia se demonstrou que, inclusive, ficaram sem mísseis e sem munições e colocaram 5.000 fábricas para produzir. Venderam todos seus inventários de tanques e peças de artilharia já obsoletas armazenadas desde a década de 70.

Ai não tem crise como nos bancos ianques. Só tem lucros. É que a guerra é o fator econômico mais importante da época imperialista, como dizia a Terceira Internacional. Grande clareza demonstrou ter.

A época de crise, guerras e revoluções não deixa de se aprofundar

Por ali tem um par de imbecis que predicam, tal qual messias em bancarrota, que se abriu uma nova época do mundo de produção. A DA RESTAURAÇÃO CAPITALISTA (sic). Como se o capitalismo, como modo de produção mundial, tivesse perdido o controle da política e da economia-mundo.

O capitalismo se salvou. O stalinismo o salvou. O fez no pós guerra com o Pacto de Yalta, que o salvou da revolução europeia e mundial. O viveu para salvar traindo a ascensão revolucionária de 1968-1974.

Ainda mais, também não desapareceu o capitalismo em 1989, quando as direções contrarrevolucionárias acabaram entregando os estados operários.

Assim inventaram uma época chamada de "restauração capitalista", lavando a roupa suja do stalinismo que salvou o capitalismo e inventando todo um novo período reformista do sistema capitalista mundial. Todo isso para dizer às massas, desde suas bancas parlamentárias, que a revolução socialista já não está colocada como uma tarefa imediata e que o proletariado pode melhorar seu nível de vida sem tomar o poder.

São novos mágicos que venderam velhas fórmulas de veneno. Falam de "restauração capitalista"... Estes charlatões, que se dirigem a auditórios reformistas e pseudo acadêmicos de baixo nível, se sentem idolatrados. Só procuram tirar as massas do caminho da revolução.

A teoria e o programa trotskista continua passando a prova. É o desenvolvimento geométrico da crise de direção a que aqui e acolá lhes fecha às massas o caminho da tomada do poder. Dezenas e dezenas de brilhantes revoluções **se desenvolveram nestas décadas, protagonizadas pelas massas**. Estas resultaram ser mil vezes mais perspicazes que seus estados maiores cheios de revisionistas traidores e renegados do marxismo.

Esperavam vitórias? Mas se traíram e entregaram toda tentativa das massas de se fazer do poder. Tem um catálogo disto.

Ou as massas resolvem essa contradição da crise de direção no período imediato ou o caminho à guerra e a barbárie se abrirão cada vez mais. As condições objetivas para a revolução já se descompõem rapidamente.

A demora da revolução socialista e as traições que essas têm sofrido são as causas que permitem **a sobrevida do capitalismo em sua fase imperialista.**

No Século XXI, desde o ponto de vista das direções do proletariado, se tornou obscuro por enquanto. O reformismo não deixou nada em pé da IV Internacional e seu legado. Mas, **os estouros revolucionários das massas não se detiveram.**

A queda dos bancos imperialista novamente será jogada sobre as massas e também sobre o reformismo. Estes últimos serão os encarregados de desviar e trair os combates onde as massas lutam e morrem.

Nas poltronas de suas cátedras universitárias, nos parlamentos burgueses e desde as camadas altas da aristocracia e da burocracia operárias onde estão, eles não terão tranquilidade. O sistema que os sustenta os obriga e os obrigará, ainda mais, a levasse cada vez pior e aos chutes com as massas sublevadas.

Reagrupar quadros nestas lições da guerra civil de classes é a tarefa do momento para refundar a IV Internacional. Aí o reformismo mostra sua invalidez política. No dia 15 de março completaram 12 anos do aniversário da revolução síria. A mais avançada do levante revolucionário de 2011 no Oriente Médio.

Em Damasco, em Homs, Aleppo, Em Afrin, em Idlib, o reformismo provou sua teoria revisionista na vida mesma. Na Síria, o reformismo e o reformismo esbarram na lama e no sangue. Uns apoiam abertamente o genocídio do fascista Al Assad enquanto outros pediam aos EUA que arme as massas... miseráveis. Querem fazer acreditar às massas que o fascismo se enfrenta com o imperialismo, quando é esse quem arma o fascismo e o envia contra as massas.

Outros cínicos fugiram do campo de batalha. Disseram que "se matem todos eles" e foram para Rojava com o stalinismo curdo. Acabaram com esse último apoiando Al Assad e ao sionismo, sob as ordens dos centuriões das bases ianques.

O fascismo, a revolução e a traição se provaram já nos últimos 12 anos na Síria e em todo o Oriente Médio. Hoje é América Latina onde se transladaram as grandes convulsões da época. Chile, Bolívia, Brasil, Equador... Com a crise ianque já nada será igual no quintal traseiro. O reformismo? Como sempre, colocando seu ombro para salvar o capitalismo.

Hoje na Ucrânia as direções que defendem ao capitalismo, estão avançando nos tanques de Putin, liquidando essa nação oprimida todo direito a sua libertação nacional e autodeterminação.

Dizem enfrentar a OTAN, mas esta entregou a Ucrânia para que Putin a dessangre, a preço do afundamento da própria Rússia.

E amanhã será na China, onde os ianques já apontam suas canhoneiras, como fez o Japão no século passado. Os ianques vão pela Rússia e pela China. O fazem partilhando a Europa e ajoelhando Alemanha.

A queda ao abismo do sistema capitalista falido empurra mais e mais à guerra, se a revolução socialista não detém a fera imperialista.

A época é de crises, guerras e revoluções. ●

Comitê Redator de "O Organizador Obrero Internacional"

FRANÇA

13 de abril de 2023

A luta heroica contra a reforma previdenciária que está incendiando a França, uma luta decisiva para a classe operária francesa

Para derrotar este ataque

Fora Macron e a V República! Que volte a Comuna de Paris!

12 de abil de 2023. Barricadas em París

Durante três meses, a classe operária francesa, a juventude, os aposentados, o conjunto dos trabalhadores ganharam as ruas da V República imperialista. Com greves, piquetes, bloqueios, barricadas, com assembleias gerais onde votam diariamente para continuar a greve, lutam contra a reforma previdenciária e contra o ataque de sua burguesia imperialista. No dia 13 de abril foi realizada a décima segunda jornada nacional de luta como continuação do combate que vêm desenvolvendo.

O governo Macron impôs uma reforma previdenciária para estender o tempo de trabalho, aumentando a idade de aposentadoria de 62 para 64 anos e aumentando os anos de contribuição para alcançar a aposentadoria completa de 42 para 43 anos. Esta reforma elimina também os "regimes especiais" dos sectores que exercem trabalhos insalubres, perigosos e onde a esperança de vida é menor. Além disso, antecipando que o parlamento não aprovaria, ele usou o artigo 49.3 da constituição que permite promulgar a lei sem que ela seja votada pela Assembleia Legislativa. O que acabou desencadeando a fúria das massas.

A crise do sistema capitalista é fenomenal e as potências imperialistas arrancam-se os olhos pelos negócios e para se manterem competitivas. O imperialismo ianque, provocando a invasão da Ucrânia pela Rússia com suas manobras na OTAN, desferiu um golpe certeiro nos negócios da Europa de Maastricht, deixando-a cambaleante. É que era essencial para o imperialismo ianque impedir que o eixo franco-alemão "ficasse" com os suculentos negócios da Rússia e da China. Pois bem, justamente para sair da crise brutal que esse sistema podre arrasta desde 2008, está aberta a corrida pela colonização da China e a Rússia para saquear suas riquezas e ficar com seu mercado.

Isso provocou uma enorme crise na Europa de Maastricht, onde deslocaram-se as potências dominantes, que perderam suculentos negócios e mergulharam-se numa crise energética e numa inflação que em alguns países não se via há décadas. Crise que hoje se reflete também no seus Estados e importantes bancos falidos.

Na França expressa-se numa taxa de desemprego oficial de 7,2% e sobretudo com a inflação, que é particularmente elevada nos alimentos, provocando uma diminuição do consumo das famílias operárias; onde aproximadamente 42% dos franceses em situação precária já pularam uma refeição.

Para sair deste pântano, a V República imperialista francesa há muito tempo desencadeia um ataque às massas e precisa aprofundá-lo. Depois de roubar suas 35 horas semanais de trabalho e destruir os acordos coletivos no 2016, a burguesia

francesa agora está indo pelas aposentadorias porque tem que arrancar todas as conquistas históricas de sua própria classe operária. Ela precisa diminuir o déficit, uma classe operária mais flexível, ainda máis está discutindo uma revisão da lei trabalhista e uma nova lei de imigração que lhe permitirá não dar asilo a quase nenhum imigrante. Tudo em função que a Quinta República não ficar de fora da disputa na brutal disputa interimperialista aprofundada pela guerra na Ucrânia.

Por isso, neste ataque às pensões não tem volta pra atrás e depois de enfrentar semanas de combate dos explorados, a resposta do governo é que esta lei não se discute.

Combates contra a polícia nas ruas da França.

Das greves e mobilizações à luta política de massas: 3 meses de enorme combate dos explorados que deixa em suspenso à burguesia

Desde o final do ano passado, as massas exploradas vêm demonstrando com uma luta heróica que não estão dispostas a continuar sendo despojadas de suas conquistas históricas. Já são 12 dias com greves nacionais e mobilizações massivas nas ruas de toda a França; com bloqueios de estradas e piquetes; com greves por tempo indeterminado votadas nas assembléias de base em setores como ferroviários, controladores de tráfego aéreo e outros setores de transporte como metroviários, operários da energia elétrica, refinarias, catadores de lixo, funcionários da educação, da saúde e outros setores do estado; com estudantes secundários e universitários mobilizados e tomando escolas e faculdades que colocam à disposição da luta; com barricadas onde os explorados, com a juventude à frente, travam verdadeiras batalhas campais contra as forças repressivas, chegando mesmo a rechaçá-las, como se viu na refinaria da Normandia, quando a polícia tentou fazê-los voltar ao trabalho para que a falta de combustível não se aprofundara.

Em 16 de março, antes da aplicação do decreto (artigo 49.3) com o qual o governo impôs a reforma, as massas irromperam com mobilizações espontâneas, fora dos dias convocados pelas centrais sindicais. E desde então travam ate haje combates de barricadas quase todos os dias, principalmente os jovens, que todas as noites queimam pneus, paletes, bote de lixo, atacam bancos, seguradoras e até casas do governo e sedes de partidos políticos como Los Republicanos, Renascimento (partido de Macron) e Associação Nacional (de Marine Le Pen) e confrontar a tropa de choque e a polícia motorizada.

Assim, começando a superar as direções que buscavam conter o ódio das massas numa luta de pressão, os explorados entraram numa luta política aberta contra Macron e seu governo, agentes do grande capital, e contra o regime como um todo que lhe dá ao presidente os poderes de monarca.

A partir daí, vendo que estava perdendo o controle dos explorados, a burguesia desdobrou seu braço armado sem condições. Dispositivos de milhares de policiais contra as manifestações, prisões arbitrárias (nas quais as acusações nem sequer foram denunciadas), repressão brutal a cada ação das massas, gás lacrimogêneo, bombas trovejantes, balas de borracha, granadas de dispersão... todo esse arsenal usado de forma desenfreada, mirando na cabeça e nos olhos, etc. A expressão máxima foi a repressão a uma manifestação de 30.000 agricultores e ativistas ambientais em Sainte-Soline contra a construção de uma barragem que deixou mais de 400 feridos, dois deles em coma.

Mas isso não faz recuar as massas ou a juventude, que, ao contrário, continuam seu enfrentamento, defendendo-se com pedras, ácido, bombinhas, molotovs, buscando vingar os feridos e libertar as centenas de presos.

Na França há uma situação revolucionária porque, como Lenine definiu em "A Falência da II Internacional" no 1915, **"os de baixo não querem"** e **"os de cima não podem"** continuar a viver como até agora; há um **agravamento do sofrimento das classes oprimidas**, produto do ataque sofrido pelos explorados; e há também uma intensificação considerável da atividade das massas que em tempos turbulentos são empurradas para uma **ação histórica independente**, como as que vemos há dias. E é sobre isso que as direções reformistas se calam, como veremos a seguir.

As burocracias sindicais e os partidos social-imperialistas são um limite que tenta apagar o fogo revolucionário das massas

As diferentes centrais sindicais unidas na intersindical vêm convocando jornadas de mobilização e greves escalonadas a cada 10 dias há meses, e mantém as greves divididas setor por setor. Isso começa a levar ao desgaste e isolamento dos setores mais combativos da classe operária que, apesar de tudo, votam pela continuação da greve.

As centrais sindicais, ligadas ao PS

(CFDT) ou dirigidas pelo Partido Comunista (CGT) ou por correntes dos renegados do trotskismo como o Lambertismo (FO) ou o NPA (Solidaires) e os partidos social-imperialistas afirmavam que no Parlamento fantoche da V República das transnacionais imperialistas francesas poderiam deter o brutal ataque. Assim, as direções sindicais trouxeram as enormes forças mobilizadas pela classe operária e a juventude francesa para pressionar para que o Parlamento não votasse a reforma. Depois, quando o governo passou por cima do Parlamento, eles disseram que com muitos nas ruas poderiam fazer recuar o governo que, ao contrário, mostrava-se cada vez mais firme.

Hoje, enquanto a CFDT convoca uma mesa de negociações com o governo, buscando mediação, implorando uma trégua, a CGT fala da necessidade de um referendo cidadão para mostrar a Macron que o povo é contra a reforma…. Como se esses meses de luta não tivessem deixado isso claro de mais!

É que o PC e seus aliados na intersindical não quer perder o controle da classe operária e por isso sua política é desgastar essa luta já que são ferrenhos inimigos que as massas montem suas organizações de autodeterminação e ataquem a cidadela do poder. É a mesma política que o stalinismo realiza em toda a Europa, onde dirige a maioria das centrais sindicais, dividindo assim também a luta dos trabalhadores país por país.

Os partidos da chamada "extrema" esquerda na França como o NPA, LO, Revolução Permanente, entre outros, propõem organizar a base, aprofundar a greve, falando até em greve geral por tempo indeterminado. O NPA agora levanta a necessidade de uma assembleia constituinte. Buscam redirecionar a enorme luta contra Macron, seu governo e seu regime numa luta de pressão, in extremis. É por isso que nenhum deles fala sobre a necessidade da abertura da revolução, nem indicam com clareza que temos que derrubar Macron, escondendo que uma situação revolucionária se abriu, já que são inimigos que os trabalhadores derrubem o poder da burguesia imperialista e imponham o governo dos explorados.

Quando já foi demonstrado que esse sistema parasitário busca superar sua crise sobre a costas e o sangue dos trabalhadores. Não há sequer lugar para que nos joguem algumas migalhas para apaziguar a fúria desencadeada entre a classe explorada. A única forma de alcançar até mesmo as exigências mais mínimas, como evitar que roubem nosso regime de aposentadoria, é lutando por tudo.

Os partidos que se dizem revolucionários, ao invés de explicar isso aos trabalhadores e preparar as condições para arrancar o poder da burguesia, nos fazem acreditar que podemos conseguir melhores condições de vida dentro desse sistema falido. Ou querem nos contentar com migalhas que, se as conseguirmos, as perderemos rapidamente se não avançarmos para a tomada do poder.

O único freio que temos para conquistar todas as nossas reivindicações são as direções burocráticas das centrais operárias e dos partidos reformistas, o Partido Comunista e os renegados do trotskismo que querem pressionar à burguesia imperialista em vez de atacar com tudo a cidadela do poder. Essas direções, com sua política, não permitem que se questione o poder da burguesia, como se estivéssemos na pujante era do capitalismo e eles iam distribuir um pouco do que nos roubam, quando nós, trabalhadores, somos os únicos produtores da riqueza que eles usurpam-nos. Estamos numa época de crise, guerras e revoluções, que juntamente com a crise atual leva o proletariado a considerar a questão do poder, para der-

14 de abril de 2023

O Conselho Constitucional aprovou a reforma das pensões

Para tirar as massas do combate nas ruas, as direções reformistas das centrais sindicais e as correntes social-imperialistas da V República francesa convocaram a pressionar o Conselho Constitucional para que não valide a lei da reforma previdenciária….

A lei Macron da reforma previdenciária e a V República imperialista derrotam-se nas ruas….

Fora Macron!

Abaixo a V República imperialista e todas as suas instituições ao serviço da grande patronal francesa

As massas não abandonam as ruas nem a sua luta!

Para derrotar a lei e conquistar as reivindicações dos trabalhadores e do povo:

Lugar à Comuna de Paris!

14 de abril de 2023. Protesto na frente do Conselho Constitucional

rotar este sistema capitalista podre. E "Se um partido operário é incapaz de conduzir o proletariado à conquista do poder, a vida da sociedade continuará necessariamente em bases capitalistas, até uma nova crise ou uma nova guerra até o colapso total da civilização europeia". (Como chegar a uma situação revolucionária? Aonde vai a França? L. Trotsky). É por isso que há décadas eles vêm dizendo aos trabalhadores que eles devem lutar apenas por reivindicações mínimas no caminho de, um dia, conquistar o "socialismo", quando já ficou claro que a único jeito de conquistar até mesmo as reivindicações mínimas é lutando todos os dias pela revolução socialista.

É que quem está por cima é obrigado a atacar, quem está por baixo não abre mão de mais uma só conquista mais e nós temos demonstrado amplamente a nossa enorme vontade de lutar. A França está pegando fogo todos os dias. Mas a situação é tão revolucionária quanto é possível com a política não revolucionária dos sindicatos e dos partidos que falam em nome da classe operária. No entanto, as ações independentes das massas mostram que o espartilho das direções reformistas pode ser quebrado e pode-se avançar na abertura do caminho para a revolução.

É que só a revolução proletária poderá derrotar este sistema que já não consegue nem alimentar seus escravos. Porque *"a revolução surge apenas de uma situação em que as mudanças objetivas são acompanhadas por mudanças subjetivas, a saber: a capacidade da classe revolucionária de realizar uma ação revolucionária de massas forte o suficiente para quebrar (ou deslocar) o antigo governo, que nunca, nem mesmo em período de crise, 'cai' se não for derrubado".* (A falência da Segunda Internacional. V. I. Lenine, Maio-Junho de 1915)

O caminho está marcado pelo Maio de 1968: Que se abra a revolução! Abaixo Macron! Que volte a Comuna de Paris!

Para a classe operária francesa, já ficou claro que para derrotar a reforma, Macron, seu governo e o regime da Quinta República devem ser derrotados. E assim ele faz ouvir nas ruas da França: "Macron, renuncia"! As condições para a abertura da revolução já estão aqui.

13 de abril de 2023. Massiva mobilização em Paris

Os patrões franceses disseram que não iam negociar nada... Os operários também não têm nada a negociar! As transnacionais e bandidos imperialistas só dão alguma coisa quando veem que estão prestes a perder tudo. E "tudo" é a propriedade dos meios de produção, com os quais exploram aos trabalhadores e saqueiam o mundo.

Então, temos que lutar por tudo! **Abaixo a reforma! Recuperemos o que nos foi tirado! Fora Macron!** Temos que expropriar os expropriadores do povo, os bancos e as transnacionais e tomar em nossas mãos os meios de produção, colocando todas as fábricas e estabelecimentos sob o controle dos trabalhadores para produzir. Está ali o dinheiro para uma aposentadoria digna e para trabalho, saúde e teto para todos, em primeiro lugar para os imigrantes que fazem os piores trabalhos.

Para isso precisamos de organismos adequados para esse combate. É preciso desenvolver as organizações de autodeterminação e poder da classe operária, da juventude combativa, dos aposentados, dos imigrantes, dos indocumentados, dos comitês de fábrica, aos quais devem ingressar os sindicatos locais e regionais, para que a maioria explorada da população, que estamos lutando, para ter poder de decisão sobre sua luta. Esses já existem! Em cada local de trabalho e estudo, nas escolas ocupadas, nas assembleias de base das fábricas onde se votam todos os dias sobre o futuro da greve que impõe a democracia operária, nas assembleias interprofissionais, nos bloqueios de estrada e em cada barricada. Onde todos nós que lutamos e realizamos essas ações nos encontramos, nos reconhecemos em Lyon, Rouen, Marsella, Bordeaux, Nantes e nos bairros operários de Paris, vamos nos coordenar já com democracia direta, vamos construir **coordenadoras de luta por bairro, cidade, região**, vamos votar em delegados e enviar para um **Congresso Nacional de luta**, organização que centralize e coordene, em nível nacional, todas as ações que assolam o governo Macron e seu regime. E a partir daí pegar fogo toda a França.

As centrais sindicais dirigidas pelo Partido Comunista e pelo Partido Socialista e outros lacaios da V República deveriam ao menos convocar uma Greve Geral Insurrecional, ou continuarão buscando uma negociação com a V República francesa para entregar nossa luta?

Para nos defendermos dos ataques do Estado, da polícia e de suas forças repressivas, temos que erguer, de todos os sindicatos e dos bloqueios, os piquetes de fábrica, das assembleias, das barricadas, organismos de autodefesa armadas. Lançando o grito que troveja nas ruas de "todo mundo odeia a polícia!", para desarmar os assassinos e impor a **Dissolução da polícia e de todas as forças repressivas!**

ABAIXO A Vª REPÚBLICA DOS AÇOUGUEIROS IMPERIALISTAS!

Este sistema parasitário não pode nos dar um prato de comida, nem trabalho, nem moradia, nem saúde, nem educação, nem uma aposentadoria digna, onde centenas de milhares de imigrantes morrem afogados no mar ou superlotados e fuzilados nas fronteiras dos países imperialistas. O capitalismo podre merece morrer. São eles ou nós. Contra o 1% de parasitas dos banqueiros e transnacionais, levantemos o poder da grande maioria dos operários e trabalhadoras que produzem toda a riqueza e movimentam o País. **QUE VOLTE A COMUNA DE PARIS!**

As tarefas internacionais da classe operária francesa: libertar as colônias e revoltar seus irmãos na Europa para derrotar Maastricht

Derrubando Macron, estaremos em melhor posição para libertar nossos irmãos de classe das colônias e semicolônias oprimidas pela V República, que na África saqueia todas as riquezas e minerais para suas indústrias de armas, energia e espacial, e com a Total rouba-se toda gasolina e óleo. Os explorados do Mali e do Burkina Faso fazem sentir o seu ódio contra o imperialismo francês, que no Mali impôs um massacre ao povo para roubar o lítio e cobalto. E recentemente a visita de Macron ao Gabão, Angola, Ruanda, República Democrática do Congo, foi repudiada nessas ex-colônias francesas. A classe operária dos países imperialistas que não libertam seus irmãos de classe nas colônias nunca poderá se libertar.

Fora o imperialismo francês de suas colônias e territórios ultramarinos! Fora as bases militares francesas na África!

Nesta Europa em crise, nossos aliados são a classe operária que luta no Reino Unido, na Grécia, em Portugal, na Espanha, na Alemanha. É a mesma luta, temos o mesmo inimigo: o Maastricht imperialista que descarrega um ataque feroz contra a classe operária e as massas exploradas. Que a luta da classe operária europeia seja ampliada e centralizada! Nos combates na França está em jogo o destino da classe operária do continente, é de vida ou morte que triunfe. Um dia de fúria em toda a Europa para derrotar o Maastricht imperialista.

A classe operária europeia tem uma grande tarefa pendente: não pode permitir que seus irmãos de classe sejam massacrados na Ucrânia em guerra, que defendem sua nação contra a invasão russa. A classe operária europeia tem em suas mãos as chaves para detê-la e libertar o povo ucraniano confrontando aos governos da OTAN que fazem negócios lucrativos com esta guerra. Na França, em Portugal, na Espanha, na Grécia, no Reino Unido, em toda a Europa, a classe operária luta contra o roubo de suas conquistas, é imperativo conquistar a unidade com a classe operária ucraniana para impedir o massacre de nossos irmãos na Ucrânia.

Viva a unidade da classe operária ucraniana e de toda a Europa! Este é o caminho para esmagar a invasão do açougueiro Putin e derrotar os governos e regimes da OTAN e o Maastricht imperialista!

Que as organizações operárias europeias levantem a moção para doar um dia de salário para enviar esses fundos para a resistência ucraniana para que eles recebam tudo o que precisam, armas, suprimentos, remédios e, como era tradição na década de 1930 na Revolução Espanhola, enviemos brigadas internacionais para juntos lutar contra o invasor russo.

ABAIXO A OTAN! FORA AS BASES MILITARES IMPERIALISTAS DOS POVOS OPRIMIDOS! Fora as bases militares imperialistas européias na Ásia, Oriente Médio, África e América Latina! **ABAIXO MAASTRICHT!**

Para que a classe operária viva, o sistema deve morrer!

A luta dos trabalhadores de França ao día

20 de abril de 2023

Contra a reforma da previdência…

A classe operária não cessa seu combate e ocupa a Bolsa de Valores em París

Veja todas as matéroas do combate da classe operária francesa em:
www.flti-ci.org

ÁFRICA DO SUL

22 de abril de 2023

Perante o recorde de desemprego, demissões, baixos salários e agora sem eletricidade...

Os trabalhadores e explorados da África do Sul entram novamente ao combate contra o governo do CNA-PC e o regime da consiliação

RAMAPHOSA DEVE CAIR!

Congresso nacional das organizações operárias e populares para unir todos os setores em luta e impor a greve geral revolucionária até que caiam Ramaphosa e o regime

Pelo governo provisório Revolucionário operário e camponês

No dia 20 de março a classe operária e os explorados sul-africanos tomaram novamente as ruas de todo opaís numa **jornada de paralisação nacional reclamando direito ao serviço básico de eletricidade e pela renúncia do presidente desse país Cyril Ramaphosa.** Já no mês de janeiro vinham acontecendo sucessiva mobilizações por esta demanda, que se aprofundaram cada dia mais.

Faz mais de uma década África do Sul vem sofrendo apagões, mas nos últimos três anos tem se agravado ocasionando a pior das crises energéticas dos últimos três anos.

20 de março de 2023. Bandeira da greve nacional. "Devolvam nossa eletricidade"

A empresa que provisiona eletricidade na África do Sul é a Eskom, uma empresa estatal na qual o governo do Congresso Nacional Africano (CNA) e do Partido Comunista (PC), não teve investimentos nem na manutenção, nem sequer na renovação. Quase toda a eletricidade gerada vem da combustão de carvão, da qual África do Sul é o sétimo produtor mundial, e as equipes não só estão obsoletos, mas inclusive tem perdido já a capacidade de abastecer toda a África do Sul.

O plano do governo, quer dizer, que "faz falta de investimento" e emitir títulos para o financiar. Com o afogamento da dívida externa que tem África do Sul (superior a 80%), os títulos serão impagáveis, quer dizer, depois não terão nada de valor no mercado, embora o estado sul-africano será obrigado a tomar eles num valor nominal e entregar a mesma Eskom como parte do pagamento. Quer dizer, tem um plano de privatização da Eskon a preço de banana.

Mas, esse plano já está sendo pagado pelos trabalhadores, junto com todo o saque imperialista dos recursos naturais, o estrangulamento da dívida externa e dos ataque fondomonetaristas de ajuste do governo. A situação é tão delicada que o governo declarou o "estado nacional de calamidade", o quarto que tem decretado. Os outros dois tem sido pela inundação, e outro por causa da pandemia de COVID-19. Essa situação agrava as penúrias das massas nos bairros mais pobres já que centros de saúde, da educação, não funcionam em durante grande parte do dia e o pouco que podem comprar para comer acaba apodrecendo por falta de eletricidade.

Por conta disso, nesta luta pela eletricidade confluíram as demandas pela saúde, educação, contra a fome, pelo direito ao trabalho e ao salário digno... já que o motor fundamental e a fome. As massas identificaram o governo do CNA-PC como é responsável de suas penúrias. Por isso colocaram que **para conseguir suas mínimas demandas Ramaphosa deve cair**. Mas o combate para negociar seus miseráveis condições de vida é uma luta anti-imperialista contra as transnacionais, o FMI e seus gerentes locais do governo, responsáveis do latrocínio, e o saque de todas nossas riquezas.

A situação não se suporta mais! A classe operária deu mil e um tentativas de impor uma saída operária à crise! Suas direções as traíram

A classe operária da África do Sul vem apresentando batalha em sucessivas ondas contra o regime esfomeador. Já desde a enorme greve dos mineiros de Marikana no ano 2012 com a demanda "12.500 rands (moeda nacional, NdeT) para todos". Enfrentaram a burocracia sindical stalinista e a repressão da polícia do CNA com 34 mártires e depois foram levados a pressionar os tribunais burgueses, afastando-os do caminho para conquistar verdadeira justiça. Neste desvio jugou um papel fundamental Julius Malema, dirigente da juventude do PC que se escindiu dele e formou um novo partido chamado Lutadores pela Liberdade Econômica (EFF). Trata-se de um partido burguês que levanta a consigna de "poder negro" como política de engano contra as massas e leva-las aos pés do regime.

Desde o ano 2017 os operários romperam com a central sindical COSATU (Confederação de Sindicatos sul-africanos) e sua direção stalinista que estava apoiando e sustentando ao governo do CNA e saíram à greve geral para que caia o governo de, naquele momento, presidente Zuma.

Perante essa luta, surgiu uma nova mediação, uma nova central sindical chamada SAFTU, encabeçada pela burocracia sindical stalinista do sindicato metalomecânico NUMSA. Essa direção levou semelhante luta da classe operária para pressionar sobre o parlamento, o qual votou a destituição de Zuma e que assumisse seu vice-presidente, o assassino de Marikana e atual presidente da África do Sul, Cyrill Ramaphosa, uma ala do CNA representante das mineiras imperialistas que saquearam a nação, quem desde que tomou posse veio descarregando um **plano fondomonetarista de ajuste e de tarifaços para pagar até o último rand da dívida externa.**

Um papel não menor em permitir que Ramaphosa tome posse e continue sendo até hoje o presidente sul-africano foi jogado pela burocracia stalinista do NUMSA. Eles chamaram a colocar de pé o SRWP (Partido Socialista Revolucionário dos trabalhadores), um "partido da classe operária" do mesmo sindicato metalomecânico. Mas os dirigentes do NUMSA impuseram que esse partido fosse para apoiar Lula, Fidel Castro, Chávez, se vestindo de "socialismo" es dessa estafa da "Revolução Bolivariana" que foi o aborto da revolução socialista na América Latina. O SWRP, após desviar pela esquerda e separar os operários do NUMSA como alternativa classista do conjunto do movimento operário, desaparece sem pena nem muito menos sem glória. Demonstrou ser outra variante do stalinismo para sustentar pela esquerda o regime de reconciliação com o Apartheid em crise.

Enquanto isso, o desemprego atingiu cerca de 35% e no ano passado, as massas, sobre tudo desempregadas, protagonizaram **levantes pela fome** indo procurar o pão onde está, tomando os supermercados.

A inflação não faz mais do que aumentar, setores dos trabalhadores sindicalizados encabeçados pelo NUMSA saíram à greve nacional. **A demanda de aumento salarial digno e trabalho para todos é a demanda de todo o movimento operário.**

Hoje são os trabalhadores das populações os que encabeçam as enormes marchas e greves contra Ramaphosa pelos cortes de eletricidade.

O desvio eleitoral: uma armadilha para os trabalhadores

Enquanto as massas já identificaram que o governo é o causante desta desesperante situação, a burocracia do COSATU, como não podia ser de outra forma, insiste em apoiar o CNA nas próximas eleições de 2024. A outra central sindical, SAFTU, diz apoiar as demandas das massas pela eletricidade, mas se colocaram detrás do partido burguês de Julius Malema, o EFF. Malema quer se montar na frente das ações das massas chamando "paralisações", fazendo "apresentações judiciais pela eletricidade" e levantando a consigna "que renuncie Ramaphosa". Assim pode se ver o objetivo das direções de canalizar a ira revolucionária das massas por vias pacíficas, onde diversas variantes burguesas querem se montar por encima da raiva das massas de cara às eleições de 2024. Mas, ainda assim a classe operária, ganhando as ruas, demonstrou que foi uma grande jornada de luta na qual saíram ao combate todos os setores, contando inclusive com o apoio das classes médias na cidade e no campo, resultando num golpe contra Ramaphosa.

Marcha em Soweto contra o governo e pela eletricidade

Ramaphosa e todo o regime deve cair! Fora o imperialismo, fora o FMI!

Essa nova jornada de greve nacional do 20 de março significa um enorme passo adiante, por isso é necessário chamar todas as organizações operários e populares, principalmente ao sindicato NUMSA, romper com a burguesia, seja da "situação" ou da "opositora", e convoquem um **Congresso nacional das organizações operárias e populares** para **unificar todos os setores em luta** como uma **pauta unificada de demandas, impor a greve geral até que Ramaphosa caia,** assassino de Marikana agente da AngloAmerican e demais quadri-

lhas imperialista e expulsar ao imperialismo.

Esse Congresso deve **unificar as reclamações e dos combates** de todos os trabalhadores do sul da África que se colocam de pé em luta pelas mesmas demandas **começando pelos trabalhadores migrantes que fazem os piores trabalho e hoje estão a mercê das bandas fascistas**. Desde chamar para colocar de pé **comités de trabalhadores ocupados, desempregados, de estudantes combativos, de imigrantes e dos que lutam pelas mínimas demandas do povo pobre.**

É preciso colocar de pé **comitês de autodefesa para se defender das bandas fascistas que atacam nossos irmãos de classe de Zimbabwe e da África do Sul, pois em primeiro lugar vêm pelos trabalhadores imigrantes e desempregados e amanhã se voltarão contra o conjunto dos trabalhadores em luta.**

Fora a burocracia stalinista colaboracionista do COSATU sustentadora desde regime infame!

Salário digno mínimo vital e móvel acorde com a cesta básica indexado pela inflação.

Redução da jornada trabalhista sem redução salarial e um turno a mais em cada fábrica e estabelecimento para que todos os desempregados possam trabalhar.

Os sindicatos e organizações operárias devem incorporar os irmãos imigrante como membros plenos. Chega de operários de primeira e de segunda. Papeis e plenos direitos para todos!!

Fora Ramaphosa e o regime esfomeador! Governo provisório revolucionário operário e camponês!

Para que a crise seja paga pelos capitalistas e se possa viver dignamente...
Fora o imperialismo! Fora o FMI!

Nem um rand a mais para o FMI! É preciso expropriar as transnacionais sem pagamento e sob o controle operário, a AngloAmerican, as mineiras, os bancos e as propriedades desta burguesia negra lacaia do imperialismo! Banco estatal único sob o controle dos operários e monopólio do comércio exterior! Aí está o dinheiro para o crédito, a eletricidade, a saúde e a educação de qualidade e todas as demandas do povo pobre!

16 de agosto de 2012. Massacre de Marikana

Por comitês de autodefesa para esmagar as bandas fascistas armadas pela burguesia branca e do CNA que atacam nossos irmãos imigrantes.

Os soldados rasos devem desobedecer a casta de oficiais do exército assassino de Pretória e passar do lado do povo com suas armas. Pelos comitês de soldados rasos para acabar com a repressão e esmagar os fascistas!

Nesta crise econômica mundial, o imperialismo, vem por tudo nas semicolônias. O imperialismo africano não é uma exceção. As dívidas externas de seus países se tornaram impagáveis. Uma África saqueada, com milhões de operários migrantes deixaram seu sangue no Mediterrâneo procurando um país no qual poder chegar para trabalhar...

A classe operária não só apresenta batalha na África do Sul, mas ganhou as ruas em outros países como Nigeria, Senegal, Quênia ou Suazilândia nos quais em 2021-2022 os trabalhadores se sublevaram. A luta da classe operária sul-africana é uma só em toda a região.

É preciso voltar a unificar a luta dos operários sul-africanos com os trabalhadores e explorados de todo o continente africano!

Por uma Federação das Repúblicas Negras Operárias e Camponesas do Centro e Sul da África! É preciso voltar a unir os laços internacionalistas traçada pela rota dos escravos junto de nossos irmãos de classe dos EUA e da Europa imperialista porque ... As vidas negras importam!

Na unidade e no combate internacionalista está a força para vencer os governos opressores e libertar nossas nações do jugo imperialista.

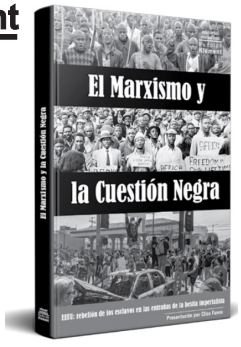
Escravos na África, na América, na Europa, uma mesma classe operária, uma mesma luta!

Workers International League
(WIL Zimbábue)

Breve em português
O Marxismo e a questão negra

Ediciones
R.Klement
Nueva Época

"A vitória do povo negro e da classe operária dos Estados Unidos será uma vitória de todos os povos oprimidos do mundo. A vanguarda da da classe operária norte-americana é o povo negro dos Estados Unidos que, como parte integrante do proletraiado mundial, já se subleva em Paris, Madri, Inglaterra, Grécia... e já se coloca de pé na África martirizada"



PERU **Uma contribuição às massas peruanas e de toda a América Latina diante do enorme combate revolucionário no Peru**

15 de abril de 2023

Os trabalhadores, camponeses, estudantes e o povo revoltado por mais de 3 meses deixaram tudo na luta para derrotar o governo de Boluarte, o regime Fujimorista e o golpe comandado pelos Estados Unidos

Agora, aprendendo de nossa luta, devemos preparar e organizar um novo embate da insurgência nacional

Por que não caiu a assassina Dina, apoiada pelo Congresso golpista e pelos ianques?

A burocracia estalinista da CGTP dividiu a ofensiva revolucionária de massas e colocou-lhe o ombro para que Boluarte e todo o regime ficassem!

Há mais de 3 meses, a classe operária, os camponeses pobres, a juventude rebelde e o povo pobre se levantaram para derrubar o governo de Boluarte e todo o regime fujimorista, que já massacrou mais de 80 camaradas, enquanto milhares ficaram para trás. feridos e há dezenas de prisioneiros para lutar. Este combate que começou nas regiões do sul ganhou força em meados de janeiro, quando milhares e milhares de explorados do Peru profundo marcharam para Lima para revoltar as massas da capital e cercar a cidadela do poder para derrubar Boluarte gritando **"insurgência nacional!"A luta revolucionária começou a se espalhar por todo o país e centralmente para Lima, com os trabalhadores, jovens operários, estudantes e explorados da capital** não apenas oferecendo enorme solidariedade a seus irmãos de classe das regiões, mas também se **unindo abertamente ao combate.**

Só faltou à jornada a direção traiçoeira da CGTP, nas mãos do Partido Comunista e Pátria Roja. Foi inimiga de mobilizar e colocar milhares e milhares de trabalhadores nas ruas, boicotando o caminho para a Greve Geral. Em vez disso, ele propôs a Dina que ela ficasse com a condição de que as eleições fossem adiantadas. Traidores!

Contra eles, os explorados iniciaram uma luta política de massas. **A reivindicação que unificou todos os setores em luta foi "Fora Dina!"** porque ninguém acreditava que conseguiriam pão, trabalho ou qualquer uma de suas justas reivindicações sem derrubar o governo e todo o regime.

Para travar tal luta, **as massas do Peru profundo se organizaram e criaram organizações unitárias de trabalhadores, camponeses, estudantes e todos os explorados** para lutar nos distritos, províncias e em nível regional, como Comitês de Luta, Frentes de Defesa, etc. Essas organizações começaram a se coordenar na Coordenadoria Macrorregional do Sul para depois avançar na **conquista de uma organização para centralizar a luta em nível nacional, o Comitê Nacional de Luta das Regiões do Peru.**

Um grande combate revolucionário que confrontou diretamente à imperialismo e seu governo fantoche

Essa enorme luta foi uma resposta ao brutal golpe comandado pelo imperialismo ianque, juntamente com os oficiais assassinos das Forças Armadas, que vem por tudo na América Latina. Em meio à estagnação da crise econômica mundial, os **Estados Unidos concentraram suas forças no Peru como posto avançado de sua ofensiva sobre toda a América Latina** para se apropriar diretamente de todas as fontes de matérias-primas, minerais, hidrocarbonetos, etc., na base da superexploração e a miséria da

classe operária e do povo pobre. Em particular, no Peru, eles precisam renovar os contratos lei com aqueles que saqueiam as riquezas minerais e hidrocarbonetos e ficar com o lítio. Com esse objetivo, os ianques colocaram seu fantoche Boluarte no governo e disciplinaram seu outro agente, **Pedro Castillo, que se rendeu covardemente,** enquanto os operários e camponeses foram os que enfrentaram o sangrento golpe contrarrevolucionário dos Estados Unidos e o regime Fujimorista.

O ponto mais crítico da insurgência foi quando os explorados do Peru profundo chegaram à capital no dia 19/01 e junto com eles se revoltaram os trabalhadores, jovens e o povo pobre de Lima. Com esta enorme ação de massas, tentou-se repetir a "marcha dos 4 suyos" (quatro pontos cardinais, NdeT) que no ano 2000 significou a queda de Fujimori. Mas desta vez, **o governo e o regime tiveram o apoio não só dos Estados Unidos , mas de todos os partidos políticos da burguesia e da própria direção da CGTP** que se dedicou a dividir a luta e pactuar uma "transição ordeira" de Dina Boluarte. Uma política confrontada num ângulo de 180° com os milhões de operários, camponeses, jovens rebeldes, etc., que entraram no combate.

O governo havia se blindado e aprendido com a experiência anterior das massas peruanas. A burocracia da CGTP correu em seu auxílio.

A estratégia do imperialismo era mobilizar 12.000 policiais no Cercado de Lima. Em primeiro lugar, **fechar a Praça San Martín**, ponto histórico de concentração das lutas da classe operária e os explorados no Peru, **para impedir que as massas em luta ali se coordenassem e centralizassem seu combate, já que isso significaria que surja o poder dos de baixo** reunidos a poucos quarteirões do Congresso e da Casa do Governo. Junto com isso, **cercaram os quarteirões onde estão o Parlamento e o Palácio do Governo com um enorme cordão policial para proteger a cidadela do poder** e impossibilitar a chegada dos explorados para derrubá-lo. Enquanto a grande maioria do território de todo o país foi tomado pelas massas insurgentes, a burguesia se concentrou naqueles 5 quarteirões onde se concentra o poder burguês, para evitar que fosse derrotado pelos explorados.

Lima, janeiro 2023. Combates na Avenida Abancay

Havia todas as condições para Dina cair. Os traidores da burocracia stalinista da CGTP tiraram das ruas setores-chave da classe operária. Essa foi a pior das polícias que atacaram as massas, porque é a que atirou pelas costas e a que dividiu o enorme esforço dos explorados na luta. Até os fura-greves da burocracia tomaram conta do local e despejaram os trabalhadores da saúde da CONFENUTSSA, que vinham se organizando junto à luta das regiões e fazendo parte de seu Comitê de Luta. A burocracia stalinista perpetrou este ataque militar para disciplinar e castigar toda a classe operária para que não se una com seus métodos de luta ao combate dos operários e camponeses.

Enquanto isso, da América Latina e do mundo inteiro, chegaram "embaixadores" que se diziam de esquerda, defensores dos Direitos Humanos, etc. Verdadeiros lobos em pele de cordeiro. Vieram para fortalecer a burocracia da CGTP e legitimar a sua traição. Chegaram a Lima para se reunir com parlamentares do Parlamento golpista, com quem mantiveram conversas e conferências, para apoiar o plano da direção da CGTP: que Dina saísse "de forma ordenada". Ou seja, não são as massas que a jogam fora.

O resultado desta política? Que a Dina saia no final do mandato… ou seja, em 2026! Vamos falar claro. A "transição" da burocracia da CGTP é manter intacto o regime golpista dos ianques. Eles são a burocracia do regime Fujimorista!

Qualquer tentativa de uma nova ofensiva das massas deve cobrar as contas com os traidores. Para isso, é preciso convocar desde já toda a base operária, aos trabalhadores da saúde, professores, mineiros, operários da construção civil, fábricas, portos, metalúrgicos, bancos, etc., para que levantem suas reivindicações por salários decentes, melhores condições de trabalho e contra o desemprego. Essas justas reivindicações são as que dia a dia entregam e traem os mesmos dirigentes da CGTP que dividiram a luta contra a Dina. Para conquistar uma nova ofensiva, marchar para uma fase superior da insurreição nacional... devemos jogar fora as direções traiçoeiras e forjar a aliança operária, camponesa, popular e estudantil desde organizações que representem os milhões que dizem basta deste Peru fujimorista das transnacionais, do imperialismo e de seus governos assassinos!

Para triunfar, é necessário conquistar a unidade anti-imperialista e um combate comum das massas operárias e camponesas de toda América Latina.

Como podemos ver, uma verdadeira frente de burocratas sindicais stalinistas, burgueses regionais e a esquerda pró-imperialista mundial concentrou suas forças para salvar Dina e todo o regime.

A verdadeira aliança que as massas precisam é a aliança operária, camponesa e estudantil, dos milhões de jovens desempregados, dos pobres da cidade e do campo. Somos a grande maioria do Peru. Os líderes nos dividem. Aqui e ali tentaram nos conduzir por trás do plano de trégua e submissão a Dina Boluarte, ou então, como vagão da cola das burguesias regionais que queriam usar o combate de massas para pressionar os EUA a distribuir alguns soles a mais do que as migalhas miseráveis que deixam no Peru as enormes riquezas que pilham.

Alguns desses setores burgueses flertaram com o povo rebelde. Eles foram os

primeiros a desertar. Vendo as ações revolucionárias fenomenais dos operários e camponeses, todos os setores da burguesia rapidamente se disciplinaram com seus patrões imperialistas ianques. É que a burguesia regional, como sócios menores, depende dos EUA para manter seus negócios e suas riquezas. Os exploradores sabiam que a derrota de Dina e do Congresso golpista era a derrota de todas as classes possuidoras do Peru, saqueado e entregue ao imperialismo. A luta pela nacionalização e expropriação sem pagamento e sob controle operário das minas, do lítio e de todas as riquezas do Peru colocava-se na ordem do dia. Acabar com o crédito dos banqueiros usurários ao camponês pobre era uma necessidade colocada de imediato. Por isso todos cerraram fileiras e junto com os burocratas sindicais traidores da CGTP, que se vendem por três moedas, foram a ajuda da Dina, do Congresso e de todos os de cima.

A chave para o imperialismo, seus partidos, seu governo e seus servidores dos burocratas sindicais era impedir o surgimento do organismo de duplo poder das massas em luta.

Nas ruas e produzindo as riquezas da nação, os de baixo fomos e somos a maioria. Os de cima tem seu poder: os oficiais assassinos das Forças Armadas, a polícia repressiva, seus partidos políticos, seu judiciário e todas as suas instituições de dominação. Eles os têm para salvar seus negócios e interesses a sangue e fogo. Os milhões de nós que entramos na luta montamos organizações regionais e nacionais que embrionariamente começaram a coordenar nossa luta. Uma grande conquista. Montamos comitês de luta que reuniam sindicatos, estudantes, camponeses... Começou a surgir o poder dos de baixo, que é aquele que deve expulsar e derrotar o poder dos de cima para acabar com a fome, conquistar a terra e expulsar os ianques.

Temos que conquistar esse organismo de poder dos de embaixo, de quem se conhece, de quem luta junto, em cada cidade, em cada província, em cada departamento e na própria Lima. Um poder que monte os comitês de autodefesa e convoque a nossos irmãos, os soldados rasos, filhos de operários e camponeses, a montar seus comitês contra os generais que os enviaram para reprimir e matar suas famílias e seu povo.

Devemos preparar o próximo ataque da insurgência nacional. Este é o momento de conquistar um grande Congresso Nacional, um Cabildo Aberto de todos os explorados do Peru com delegados de base de todos os sindicatos, trabalhadores, regiões, camponeses, estudantes, bairros operários, coletivos da joventude que lutam por seus direitos, soldados rasos, etc. Esse poder é o que faria tremer os de cima porque é o que realmente deveria governar o Peru para expulsar os gringos, recuperar nossas riquezas e conquistar o pão e a liberdade.

Nós, trabalhadores e o povo, não temos a direção que merecemos.

Fora a burocracia da CGTP! Passo para a democracia operária!

Por um Congresso de delegados de base de todos os sindicatos para colocar a força da classe operária a serviço de montar a aliança dos operários, camponeses e todos os explorados no Peru

Devemos por de pé à juventude operária. Há milhões de jovens desempregados, filhos de trabalhadores e camponeses na Lima e nas regiões. De lá saiu e sairá a primeira linha de combate. Pelos coletivos da juventude rebelde anti-imperialista em todas as cidades, regiões e bairros operários de Lima! Passo à luta anti-imperialista da juventude!

Por um encontro nacional de coletivos da juventude rebelde que se prepare a ser a vanguarda para constituir os comitês de soldados, estudantes e juventude operária. Ali existem as forças inesgotáveis que serão imprescindíveis para avançar a conquistar a vitória e o poder dos de embaixo.

A burguesia e seus partidos, que ainda tentam flertar com o povo, voltaram-se para dividir a coordenação surgida das massas revoltadas de todo o Peru. Os homens dos políticos patronais que se dizem "ad-

A fraude de Pedro Castillo, Peru Livre e Juntos pelo Peru: eles se vestem de "oposicionistas" quando todos apoiam Dina e o regime fujimorista a serviço dos ianques

Os mesmos políticos burgueses e frentes de colaboração de classes que durante anos administraram o regime fujimorista e inclusive votaram e apoiaram a entrada de militares e bases militares ianques no Peru (como fez o "Nuevo Peru" de Verónika Mendoza), hoje proclamam diferentes receitas para salvar o domínio do imperialismo contra as massas.

Ali está a burguesia covarde de Pedro Castillo, que durante seu governo aplicou os piores planos antioperários, se rendeu covardemente ao regime pró-imperialista e se rendeu aos ditames do Parlamento golpista e da justiça patronal pro-ianque. Hoje ele vai à CIDH para ser liberado e reintegrado como presidente... à CIDH da OEA que comandaram o golpe! Hoje Castillo pede sua restituição quando foi o primeiro a apoiar à Dina se entregando! Castillo preferiu ir para a cadeia a convocar a classe operária, camponeses e soldados rasos à revolta, assim como fez seu amigo Evo Morales na Bolívia em 2019, permitindo que as massas fossem massacradas em Juliaca, Ayacucho, Apúrímac, etc.

Enquanto isso, parlamentares que se vestem de "esquerda" como Peru Libre ou Juntos pelo Peru e ex-ministros de Pedro Castillo proclamam a "antecipação das eleições" e um "plebiscito pela Assembleia Constituinte" para garantir uma "saída ordenada" de Dina Boluarte e que permanece intacto todo o regime fujimorista que as massas querem derrotar, replicando a receita que foi aplicada no Chile com a fraudulenta Assembleia Constituinte com a qual salvaram Piñera e o regime de pinochetista.

Dizem que assim poderá começar a "transição política". Mentira! **São planos diferentes que o imperialismo tem para manter seu domínio sobre as massas. São todas armadilhas que têm um ponto em comum: enquanto buscam tirar as massas das ruas, Dina e o próprio Congresso os seguem.A verdadeira "transição" deles é que Boluarte continua no poder! Todos apoiam a Dina porque estão todos com os gringos!**

versários" de Dina provocaram uma cisão na cúpula do Comitê Nacional de Luta das Regiões. Que se submetam ao veredicto de um Congresso Nacional de trabalhadores, camponeses e estudantes e que se resolva aí, democraticamente, quem merece estar à frente da luta dos explorados e quem deve ser tachado de traidor e inimigo do povo!

Para preparar esta segunda onda, os filhos do povo em armas nunca mais poderão ficar à mercê dos oficiais fujimoristas e das bases militares ianques. Por comitês de soldados rasos que rompem com os oficiais, nomeiam delegados e se unem às massas em luta! Quando 6 soldados se afogaram na travessia do rio Ilave, enviados pelos oficiais assassinos, o povo os cercou a eles e a suas famílias em solidariedade. É disso que se trata a vitória que se deve preparar: os soldados rasos com o povo. Os generais assassinos com os ianques. No meio, um rio de sangue.

Dissolução da polícia e de todas as forças repressivas do Estado! Pelos comitês de autodefesa e pelas milícias operárias e camponesas! Julgamento e punição para todos os assassinos! Liberdade aos presos políticos por lutar e desprocessamento de todos os lutadores!

É preciso conquistar um programa para a vitória

Abaixo Dina Boluarte, o Parlamento fantoche e todo o regime fujimorista agente dos ianques! Fora o FMI e a IV Frota do Pacífico das águas do Peru!

Fora o imperialismo, seus TLCs e suas bases militares!

Nacionalização sem remuneração e sob controle operário de todas as mineradoras, bancos e todos os recursos naturais do Peru! A terra para o camponês pobre! Abaixo os contratos lei com empresas transnacionais! Ali está o dinheiro para ter pão, trabalho, salário, educação, saúde, moradia e todas as justas reivindicações dos explorados!

Educação e saúde para todos! Emprego decente! Redução da jornada de trabalho e mais um turno em todas as empresas e empregos do estado, com salário igual à cesta básica para todos! Nenhum jovem sem emprego! Nenhum trabalhador sem pão!

O Comandante da IV Frota da marinha ianque, a ONU, a OEA e todos os seus lacaios vieram ao Peru para apoiar Boluarte.

Mobilização na estrada de Arequipa

Para preparar este segundo embate contra os ianques, que todas as organizações operárias e camponesas da América Latina enviem delegações ao Peru para organizar uma única luta continental para expulsar ao imperialismo! Façamos realidade o chamado do Comitê Nacional de Luta das Regiões do Peru junto com as organizações operárias combativas da Colômbia, Brasil, etc., para forjar um Comitê de Luta latino-americano e internacional em apoio às massas do Peru, juntamente com nossos melhores aliados: os trabalhadores e jovens dos EUA. **Todos ao Peru para organizar um Congresso Continental de organizações operárias que impulsem a luta contra o imperialismo em toda a América Latina!**

Não há tempo a perder. Por um Congresso Nacional e Cabildo Aberto de todos os sindicatos, regiões, universidades e bairros populares do Peru! Comitês de autodefesa e comitês de soldados! Passo ao poder dos de abaixo! Fora o governo e o Parlamento dos de cima! Por um governo provisório revolucionário operário e camponês, baseado nas organizações de autodeterminação das massas, que é o único que pode garantir uma Assembleia Constituinte verdadeiramente livre e soberana, imposta sobre os escombros do regime fujimorista.

A grande lição desta primeira onda que protagonizaram as heroicas massas do Peru revoltado, é que faltava um partido revolucionário dos explorados que ajudasse os operários e camponeses a distinguir quem são seus aliados e quem são seus inimigos. Um partido revolucionário internacionalista que lute para unificar as massas de todo o continente em um único combate anti-imperialista contra o falido sistema capitalista imperialista. É necessário conquistar um partido revolucionário porque a revolução é necessária. Porque para comer e viver, para que haja paz e justiça, a insurgência deve se transformar na vitória da revolução socialista.

Diferentes gerações no Peru deram suas vidas para colocar de pé esta direção revolucionária. Tirar essas lições e colocar esse de pé este programa revolucionário essas gerações serão redimidas pela história, e a vida que deram à causa do socialismo será coroada pelo triunfo da revolução. Os trotskistas da LSTI são um núcleo que busca retomar essas bandeiras e lutar para refundar e recuperar o Partido Mundial da Revolução Socialista, a Quarta Internacional de 1938.

Está chegando o 1º de maio, dia em que os trabalhadores do mundo inteiro batíamos com um só punho por nossas reivindicações como a jornada de trabalho de 8 horas. É assim que conquistamos. Pelos traidores que nos dividiram país por país e quebraram a unidade da única classe que só tem grilhões a quebrar, nós as perdemos.Recuperaro internacionalismo da classe operária é abrir o caminho para recuperar nossas conquistas e o caminho da revolução. No dia em que conquistarmos a unidade internacional da classe operária, esse dia será o dia da vitória.

Liga Socialsta dos Trabalhadores Internacionalistas do Peru Aderentes da FLTI-QI

15 de abril de 2023

As "lições" do PTS / Esquerda Diário do combate revolucionário no Peru…

Um balanço escandaloso para salvar a burocracia stalinista da CGTP

Em sua declaração intitulada *"4 meses depois dos protestos e da crise política no Peru: as causas profundas que impedem o retorno à normalidade"* (de 2/4), o PTS da Argentina, da mão dum militante chileno, quer fazer acreditar aos trabalhadores, camponeses pobres e jovens rebeldes do Peru e da América Latina que seus maiores aliados para triunfar foram os burocratas stalinistas da CGTP, quando eram os principais apoiadores de Dina e do regime fujimorista dos ianques e os maiores traidores do combate de massas.

Durante os 3 meses de ofensiva revolucionária, o PTS se dedicou a propor que a classe operária não tinha intervido no combate, para centrar todo o seu programa em torno de exigir que a burocracia stalinista da CGTP se colocasse à frente da luta. Hoje, quando já não podem esconder o facto de centenas de milhares de operários terem saído à luta, afirmam: *"embora os trabalhadores tenham participado nas manifestações, foi de forma desestruturada ou desorganizada"*, para afirmar de imediato: *"é criminal o papel da burocracia sindical, não só porque inicialmente aplaudiram o governo de Dina e lhe deram um voto de confiança, mas porque se recusaram constantemente a convocar e organizar a greve geral por tempo indeterminado efetivamente"*.

Como iriam aqueles burocratas da CGTP *"convocar e organizar a greve geral indefinida efetivamente"* como queria o PTS, se eram eles os encarregados de apoiar Dina, quebrando a aliança operário-camponesa que se forjava nas ruas e impedindo que o proletariado liderar a luta, paralisando os principais locais de produção?

O PTS está desapontado porque "sua" direção da CGTP "recusou-se a mobilizar" o movimento operário, o que segundo eles teria permitido à classe operária intervir de forma bem "estruturada" e "organizada" como eles gostam. É claro que o PTS só reconhece uma intervenção decisiva da classe operária quando é convocado pela burocracia stalinista de uma central sindical que não representa nem 10% do movimento operário. Eles mesmos o dizem: *"O potencial da classe operária manifestou-se pela positiva no dia da Greve Nacional convocada pela CGTP a 9 de fevereiro (...) Isto na verdade foi uma greve parcial de um dia, com participação especial (...) dos operários da construção, organizada na Federação dos Trabalhadores da Construção Civil do Peru, que marcharam muito disciplinados, com camisas vermelhas com as iniciais da federação, capacetes, luvas, máscaras e com forte decisão de luta, porém a CGTP retirou-os prematuramente, deixando as massas à sua sorte"*.

O PTS baba pela intervenção de supostos operários da construção civil marchando *"muito disciplinados"*, ao contrário dos trabalhadores que "resolveram sair para enfrentar o governo golpista de forma desestruturada e desorganizada"... Eles estão tão impressionados com a coluna dum punhado de burocratas da Federação da Construção Civil, que acabou perdido na avenida Abancay com Nicolás de Piérola na Lima... Naquela esquina ficou claro que naquele famoso 9 de fevereiro não aconteceu nada do que diz o PTS: não houve greve ou qualquer marcha dos operários de base da construção civil. Pare de mentir! Aquele 9 de fevereiro foi um ponto de inflexão da traição da burocracia stalinista. **Quem liderou aquela marcha foram os burocratas da CGTP, juntamente com os burocratas da construção civil, que entraram no Palácio do Governo, escoltados pela polícia, para exigir a renúncia de Dina e que o Congresso golpista convocasse novas eleições, ou seja, um plano de saída ordenada da burguesia. Isso é oculto pelo PTS conscientemente para encobrir os dirigentes traidores da CGTP que foram "muito disciplinados" para apoiar o regime pró-imperialista contra a luta revolucionária das massas.**

O PTS mente: a classe operária interveio apesar e contra a burocracia da CGTP, montando organizações auto-organizadas junto a camponeses pobres, estudantes, etc.

Tanto quer levar as massas aos pés da burocracia, que no seu pronunciamento, o PTS diz: *"Um dos limites (da mobilização, NdR) foi a falta de desenvolvimento de instituições de auto-organização e autodefesa (...) superando o controle burocrático das principais centrais sindicais e das diferentes coordenadoras da mobilização. Dizemos várias coordenadoras porque isso também era um limite do processo, já que não existiu um comando unificado de luta que centralize a mobilização…"*

Assim, conscientemente, o PTS falsifica o fato qualitativo que aconteceu no Peru: ultrapassando a esses burocratas stalinistas, as massas em luta começaram montar seus organismos de auto-organização, como os Comitês de Luta e as Frentes de Defesa, para coordená-los, como aconteceu com a Coordenadora Macrorregional do Sul e começaram a centralizá-los em nível nacional formando o Comitê Nacional de Luta das Regiões do Peru.

O PTS tem que continuar mentindo porque o que estava na ordem do dia não era "exigir à burocracia da CGTP que convocasse uma greve geral", mas **a tarefa estabelecida para derrubar Dina era derrotar aquela direção fura-greves. E isso tinha que ser feito lutando para ampliar, desenvolver e fortalecer esses organismos de auto-organização que as massas se deram, convocando aos trabalhadores de base que estão dentro da CGTP a se levantar contra a burocracia stalinista,** por em pé seus comitês de auto-organização e

votar seus delegados nas assembleias para enviarem ao Comitê Nacional de Luta das Regiões para se unir às massas em luta. **A derrota da burocracia fortalecia o "comando unificado de luta" que os explorados conquistaram de forma embrionária!** Se aquele "comando unitário de luta" que o PTS desejava não acabou de se montar, foi, no primeiro lugar, pelo papel da burocracia da CGTP que, junto com a burguesia de Pedro Castillo, Peru Libre, Novo Peru da Verónika Mendoza, etc., partiram por cima o Comitê Nacional de Luta das Regiões, tema que o PTS também silencia.

Acobertam tanto ao stalinismo, que não só o PTS nem menciona que a CGTP é comandada pela Pátria Roja e o Partido Comunista, como nem diz de passagem que **essa burocracia foi tomar quebrando cabeças o local dos trabalhadores da saúde da CONFENUTSSA para impedir que continuem se organizando junto com o Comitê Nacional de Luta das Regiões.** O stalinismo fez um ataque militar às dependências dum sindicato para punir toda a classe operária e impedi-la de seguir o exemplo dos trabalhadores da saúde, e o PTS o silencia!

Sem falar que para o PTS tudo passou pela "greve geral convocada pela CGTP". De **forma pacifica.** Segundo o PTS, era possível derrotar o governo Dina e o sangrento golpe liderado pelos EUA, suas bases militares e oficiais fujimoristas, sem convocar as massas ao armamento, quando estava na ordem do dia instaurar a milícia operária e camponesa e convocar aos soldados rasos, filhos do povo, a constituir os seus comités e centralizar no Comité Nacional de Luta das Regiões, para constituir o duplo poder armado para derrotar o poder da burguesia, expulsar o imperialismo e suas bases militares, etc. O PTS silencia a luta pela conquista da base do exército, deixando intacta esta instituição fundamental do estado burguês, e as forças repressivas que ceifaram a vida de mais de 80 explorados, revelando-se servidores não só do stalinismo, mas do estado burguês semicolonial peruano, tutelado pelos ianques.

Nos combates no Peru rebelde foram vistas de frente duas políticas opostas. A dos trotskistas, de luta para desenvolver, fortalecer e armar os organismos de auto-organização dos operários e camponeses pobres para colocar em pé o poder dos de abaixo; contra os renegados do trotskismo para apoiar o stalinismo pela esquerda, com o PTS exigindo que a burocracia da CGTP mobilizasse a classe operária e outros grupos como o Novo MAS da Argentina viajando a Lima para se encontrar pessoalmente com esses dirigentes fura-greves.

Marcha em Arequipa

Todo o balance do PTS, longe de estar à serviço da preparação de um segundo embate das massas, tem apenas o objetivo de salvar a traiçoeira burocracia a quem não convocam à derrotá-la, quando não há a menor possibilidade de retomada do combate revolucionário sem se livrar de cima desses pelegos fura-greves.

Desta forma, pode-se entender que eles falsificam todos os fatos desses meses de luta para salvar o stalinismo. E para fechar seu balance, dizem também que lutam por uma "corrente internacional para a revolução socialista". Mas quando começam processos revolucionários, como no Peru, eles colocam todas as suas forças para segurar o stalinismo que comanda a CGTP. Eles trazem seus dirigentes da Bolívia e do Chile para se encontrarem com políticos burgueses, como a deputada do Juntos pelo Peru, Ysabel Cortez, e militantes do partido pró-imperialista da Verónika Mendoza numa palestra (no dia 15/02), onde legitimaram a política de conduzir as massas à armadilha duma Assembleia Constituinte burguesa que deixaria intacto o regime de fujimorista. E também enviaram seus deputados da Argentina a Lima para se reunir com organizações de direitos humanos da ONU imperialista e depois entregar esse relatório ao Congresso burguês argentino (em 22/02), em vez de convocar a classe operária a se levantar em todo o continente numa luta unificada contra o imperialismo.

Esta política do PTS faz parte de todas as forças que se concentraram no Peru desde os vendedores de fumaça da "Mesa de Unidade Social" do Chile, a esquerda social-imperialista de Maastricht e grupos parlamentares como o Novo MAS da Argentina, para segurar à burocracia da CGTP e legitimar o maldito regime fujimorista dos ianques. Uma facada nas costas ao heroico combate revolucionário dos explorados do Peru.

Liga Socialista dos Trabalhadores Internacionalista do Peru

Chile 20 de abril de 2023

Abaixo a Lei "Nain-Retamal"!

Os policiais assassinos que comanda Boric e o PC não estão para cuidar os explorados, estão para reprimir

Veja a matéria completa em: www.flti-ci.org

Brasil, 23 de abril de 2023

Os primeiros 100 dias do governo pró-imperialista de Lula-Alckmin

Alckmin e Lula

A última terça-feira, 11 de abril, se completaram 100 dias do governo Lula-Alckmin. Ficou claro que governan para o imperialismo que continua o saque do Brasil, abrindo o caminho não só à privatização da Petrobras, além da sua disposição a entregar o tesouro do Banco Central, embora berram contra o aumento das taxas de juros, para pagar a dívida externa ao FMI, que já atinge 100% do PBI.

Porque o imperialismo vem por tudo na América Latina. Querem a Petrobras, a água, o agronegócio, o lítio e todas as riquezas do continente. E, claramente, o Lula está disposto a entregar tudo. Esse é o governo dos banqueiros e da oligarquia, que governam com pactos com o bolsonarismo e nos ministérios, no Congresso e nas governações, apoiado nas Forças Armadas e no mais ranço da justiça burguesa do Brasil.

Primeiro Lula, em 2018, se rendeu perante o juiz Moro e aceitou ir preso trilhando o caminho para que Bolsonaro governasse, enquanto durante seus 4 anos de governo, os governadores do PT e seus partidos aliados no Parlamento sustentaram todos e cada um dos planos de Bolsonaro. Agora durante os primeiros 100 dias de seu governo, sem mascarada, mantêm os planos pró-imperialistas que traçara Bolsonaro intactos e avançam na negociação da entrega da nação ao imperialismo e suas transnacionais.

Se isso é assim não é porque a classe operária tenha se rendido, ela continua de pé e sai à luta, mas é assim porque as direções do movimento operário sustentam ferrenhamente Lula-Alckmin e o plano imperialista de saque do Brasil.

Um novo "Pacto Social" para sustentar os trabalhadores

A política de sustentar desde as centrais sindicais ao governo Lula-Alckmin foi traçado no começo da campanha eleitoral e no dia 18 de janeiro foi reafirmada quando as burocracias sindicais de todas as centrais foram chamadas pelo governo Lula-Alckmin e seus ministros para colocar de pé uma "Mesa de diálogo permanente". Quer dizer, **um novo "Pacto Social" que coloca as centrais sindicais sob controle do governo para deixar os sindicatos estatizados e amarrados à burguesia e deixar por fora a absoluta maioria da classe operária que está por fora dos sindicatos, os mais de 33 milhões de desempregados e os milhões de miseráveis do campo e da cidade.** A pelegada novamente está no governo.

Esse papel já faz tempo o joga a burocracia da CUT, CTB, Força Sindical, etc. Eles, durante os 13 anos do governo do PT e da burguesia o sustentaram ferrenhamente. Durante o governo bolsonarista, estiveram de joelhos e garantiram que Bolsonaro impusera o plano patronal e do imperialismo de flexibilização e furaram todas as greves e os combates nas ruas que teve contra Bolsonaro. **A classe operária brasileira jamais se rendeu, a entregou a burocracia!**

O PSOL e o PSTU, nos 100 dias do governo Lula-Alckmin

O PSOL, que fez campanha pela candidatura de Lula-Alckmin em 2022 e hoje está no governo e o apoiam desde suas bancadas parlamentárias, já não tem limite nenhum. Aderiram à "Mesa de diálogo", depois de ocupar a carteira do Ministério dos Povos Indígenas com Sônia Guajajara. Foi uma demonstração da sua política continentar na qual sustentaram todos os governos de colaboração de classes e foram os que se uniram a Sanders, o "socialista" do Partido Democrata ianque, para sustentar Biden nos EUA.

Nos sindicatos que dirigem se dedicaram a fechar toda tentativa de luta como nas indústrias do Vale da Paraíba desde a CSP-Conlutas e do sindicato metalúrgico de Campinas, da Intersindical, se preparam para entregar ele à direção da CUT.

O último elo desta corrente de controle ferrenho do governo sobre os sindicatos é a direção do PSTU que encabeça a CSP-Conlutas com o que pretendem colocar essa central combativa aos pés do Estado

burguês, do governo e seus Ministros.

A CSP-Conlutas no caso da fábrica de armamentos Avibras, na qual os operários impediram a demissão de 420 operários no ano de 2022 ocupando a fábrica, se dedicaram a "exigir que Lula intervenha e estatize a fábrica.

É preciso romper com a burguesia e seus partidos capitalistas que submetem e isolam a classe operária e seus aliados do campo e da cidade. Lugar à unidade operária, camponesa e popular! Para lutar pelo pão, pelo teto e pelo trabalho.

A CSP-Conlutas e a Intersindical devem romper com a política do "Pacto Social" e chamar organizar os trabalhadores para enfrentar o governo Lula-Alckmin e seus planos de saque e entrega ao serviço de Wall Street. Chega de lutar divididos! Abaixo a burocracia colaboracionista da CUT, CTB, FS, etc.! Que a CSP-Conlutas e todos os setores em luta de todas as centrais sindicais, dos trabalhadores sem-terra e sem-teto, convoquem um Comité Nacional de Luta, para unificar os combates dispersos e para enfrentar a política de colaboração de classes da burocracia pelega. Para preparar e organizar a luta contra o ataque dos capitalistas e do imperialismo: Votar delegados de todas as fábricas e locais de trabalho para colocar de pé comitês da base operária e popular e os comandos de greve centralizados por região, estado e a nível nacional.

Quem sustenta Lula-Alckmin?

A política pró-patronal da burocracia pelega das centrais sindicais majoritárias, CUT, CTB, FS, etc. se aprofunda. Não só sustentam Lula e Alckmin, o agente da FIESP e membro do Opus Dei, agora **chamam um 1° de Maio, dia internacional dos trabalhadores, não só com Lula e Alckmin, mas, além disso, estão convocando realizar dito ato junto com o governador de São Paulo, quer dizer, junto com o bolsonarista Tarcísio. Sem dúvida nenhuma, esse ato aderirá o PSOL, como parte do governo.**

Por sua vez, a direção do PSTU denunciou, do Sindicato Metalúrgico de São José dos Campos e Região, a política da CUT, CTB, FS de chamar um ato de 1° de Maio unitário com o bolsonarista Tarcísio. No entanto, perante esse anúncio, já era claro que será realizado junto com Lula e Alckmin, quer dizer com a FISESP. Respeito disse ponto não disseram nem uma palavra.

Lula e Biden

Nesse 1° de Maio
Por um Congresso Continental para enfrentar o imperialismo de Alaska até a Terra do Fogo

As direções do movimento operário embeleceram os carrascos da classe operária e preparam com eles o 1° de Maio, enquanto dezenas de setores dos trabalhadores como os metroviários de SP saíram à greve e continuam se organizando pela conquista de salários dignos e acabar com a precarização trabalhista. Igual que os metroviários de Belo Horizonte continuam de pé na luta contra a privatização do Metrô e do Trem, inclusive chamando todos os setores com a CSN, a Petrobras, etc. a lutar juntos contra a privatização. Enquanto os trabalhadores da educação se preparam para lançar um plano de luta nacional. **Chega de lutar divididos! Abaixo a burocracia! Chega de submeter os sindicatos à burguesia e seu estado! Abaixo o Pacto Social!**

A CSP-Conlutas deve seguir o exemplo dos **Metroviários, que se pronunciaram da FENAMETRO em favor da luta dos trabalhadores e dos camponeses peruanos e aderiram ao chamado internacional do Comitê Nacional de Luta das Regiões do Peru.** Os trabalhadores do Metrô de todo o Brasil se mostraram dispostos a lutar internacionalmente junto dos trabalhadores do Peru contra o imperialismo e do governo golpista da assassina Dina Boluarte. **Esse é o caminho nesse 1° de Maio!**

Por conta disso, da CSP-Conlutas e também da Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas, esse 1° de Maio devemos colocar todas as forças da central para convocar um Congresso Continental de operários e camponeses para bater como um só punho contra o imperialismo de Alaska até a Terra do Fogo. Para lutar junto ao Peru sublevado que ainda combate contra Boluarte e mantem sua luta por justiça pelos mártires assassinados em Puno e todo o Peru.

Porque, numa luta unificada com os trabalhadores do Peru, Bolívia, Colômbia, Argentina e de todo o continente, estão as forças para unificar à classe operária e aos explorados do continente para além das fronteiras que permita convocar dali uma jornada de luta internacional e uma Greve Geral Continental para que seja um passo adiante na luta por expulsar o imperialismo da América Latina e deter a brutal repressão dos governos e regimes. É preciso conquistar a independência de classe e de democracia operária dos sindicatos! É preciso unir aos que lutam! Abaixo a burocracia pelega! Lugar à base operária!

Para ter trabalho, teto e terra:

Pela renacionalização sem pagamento e sob controle operário da Vale, Petrobras, Eletrobras e todas as riquezas do Brasil! Expropriação sem pagamento sob controle operário de todas as transnacionais imperialistas!

Fora a IV Frota ianque do Peru e todo o continente! Fora as bases militares do Imperialismo da América Latina! Fora o FMI!

Para que a classe operária e os explorados vivam, o imperia

lismo deve morrer!

Comitê Revolucionário Operário e Juvenil pela Auto-organização, Brasil
Aderente da FLTI-QI

Jornada internacionalista no 12º aniversário da revolução síria

Uma revolução ensanguentada
A resistência não se rende!
Não haverá nem esquecimento nem perdão!

No dia 25 de março aconteceu a jornada internacionalista convocada desde dentro da Síria pelo periódico A Verdade dos Oprimidos e pelo Organizador Operário Internacional, onde participaram companheiros de organizações operárias e de luta do Peru, da Colômbia, da França, dentro outros.

Desde o coração da resistência síria:

Steif Abu Yazan

"Suportamos 12 anos de terremotos, mas nem mais um dia de Bashar Al Assad"

Não posso começar essa reunião sem levantar primeiramente a luta pela liberdade de todos os presos que temos nos cárceres do regime e sem render honra a todos e cada um dos nossos mártires caídos. Eles combateram numa revolução que procura a queda do regime criminal. Esse regime, junto com Irã, Rússia e forças do Líbano, açoitaram todo o povo sírio, como hoje fazem com o povo da Ucrânia.

Nosso grito de guerra é que até que não libertem o último dos presos, até que não apareça o último dos desaparecidos e até que não caia o regime, não deixaremos de lutar pelo triunfo da revolução. Esse é o caminho.

Após 12 anos de revolução, tivemos a honra de ver muitas pessoas nas ruas. Temos sido açoitados por um terremoto que devastou mais da metade das regiões liberadas e causou centenas de milhares de mortes. No entanto, hoje, 12 anos depois, afirmamos que suportamos 12 anos de terremoto, mas nem mais um dia de Bashar Al Assad. Isso quer dizer, que a revolução continua, que continuamos lutando.

As massas sírias ganham as ruas no 12º aniversário

Saímos às ruas lutando pela queda de todos os tiranos, os da Síria, da Rússia, do Irã, do Líbano. O povo é um só, combate nas ruas em contra deles. Esse é o caminho da revolução, o caminho que seguiram os mártires, os que hoje estão presos.

Após 12 anos de luta, o povo foi unindo seus reclamos. O mais importante deles é o da liberdade dos presos, os presos políti-

cos que estão nos cárceres dos opressores de todo o mundo, o aparecimento com vida dos nossos desaparecidos e a queda de todos os tiranos do planeta.

Tivemos um terremoto de 7.8 na escala Richter. Atingiu o Sul da Turquia e o Norte da Síria, nas cidades como Jendares, Salquin, Afrin. A ajuda internacional não chegou nas zonas liberadas da Síria afetada por esse terremoto. Turquia, as ONG, a ONU, não fizeram nada para ajudar aos sírios. Não entraram, nunca chegou sua ajuda, não enviaram máquinas para ajudar em liberar os sobreviventes sob os escombros. A cada minuto morriam crianças, jovens, mulheres e idosos.

Só após 5 dias entrou uma equipe de médicos da ONU, que foram só para tirar fotos. Se estabeleceram longe dos locais afetados e não iam nas zonas perigosas.

Só teve, depois de um tempo, uma equipe da Espanha que entrou na cidade de Jendares e foi na zona de risco. O mesmo aconteceu com a equipe de Qatar e do Egito. Mas, não tinha maquinária para remover os escombros para resgatar as pessoas e foi muito pouco o que conseguiram fazer.

Não esqueceremos como fomos tratados pelo governo turco, que perante essa catástrofe fechou as fronteiras e não permitiu que nenhum sírio entrasse para ser atendido nos seus hospitais. Muitos tinham hemorragias internas e precisavam transfusões e não as conseguiram e faleceram.

Com esse terremoto, Bashar falou que muitos dos danos e da destruição que tem hoje foram causados pelo terremoto, quando tinha sido ele com bombardeios durante 12 anos. Também com os desaparecidos, eram quem tinha sido sequestrado por ele e fez passar como se fossem desaparecidos pelo terremoto.

O terremoto não só derribou os edifícios. Também se derrubaram as mentiras e deu para enxergar quem estava com quem. Ainda querem que Bashar seja governo, e por isso deram ajuda para ele, que ia para as zonas que estão sob o seu controle, que quase não foram afetadas pelo terremoto.

Por conta disso não vamos deixar as ruas. Já seja que demoremos outro ano ou mais dois anos, a revolução continua. Vivos os levaram, vivos os queremos. Queremos os presos novamente com a gente. Não nos deteremos até que não volte o último dos nossos.

Finalmente, uma mensagem para todos. Continuem lutando como o vêm fazendo em cada um dos seus países em contra dos seus governos. Temos claro que nada triunfará se não nos unimos juntos como povo. Se todos coordenássemos a luta, não haverá opressor que se oponha a nós. O povo tem o poder e o tem que conseguir nas ruas. Chamamos vocês para que ganhem as ruas em suas cidades e que estejamos coordenados. É uma só batalha conjunta. Para conseguir isso, temos que vencer os medos. Lutemos juntos árabes e estrangeiros.

O companheiro Amir que está aqui presente lembrará que ele foi atacado por Shabihas (capangas de Al Assad) numa marcha em Amsterdam. O regime não só golpeia dentro da Síria, mas também fora da Síria. Por conta disso a luta é uma só e conjunta.

Uma saudação de parte do povo sírio para todos os presentes. Agradecemos e os consideramos como irmãos todos aqueles que levantaram nossas bandeiras. Somos um só punho, nossa luta é uma só. Derrotaremos ao regime, à Rússia, ao Irã e todas as forças contrarrevolucionárias dentro da Síria. Quando começamos a revolução 12 anos atrás pensamos que era uma revolução dentro da Síria, e agora vemos que é uma revolução mundial que luta em cada uma das ruas do planeta. Muito obrigado a todos.

Abu Mustafa:

Saudações para todos os camaradas da Argentina e todos os que estão presentes nesta jornada do 12 aniversário da revolução síria. Obrigado a todos por serem parte desta jornada.

Honra para todos os mártires! Liberdade para todos os presos! Viva a revolução colombiana e Latino-americana! Tenham clara essa mensagem: continuaremos com a revolução. A levaremos até a vitória. Sejamos nós, ou nossos filhos, ou os filhos dos nossos filhos, a revolução continua. Triunfaremos!

Abu Ahmed:

A revolução síria vai continuar até o último mártir e até que sejam livres do jugo até a última criança.

Saudações para todos os que estão presentes neste 12 aniversário.

Tivemos problemas técnicos para nos conectar pela distância, mas é uma honra estarmos nesta jornada.

Brigada León Sedov

Desde o Comitê Redator do periódico A Verdade dos Oprimidos:

Abu Muad

Achamos fundamental retomar as lições de 12 anos de luta, de combate, de revolução e de contrarrevolução por conta da traição e da calúnia. Uma revolução que começou como uma cadeia de revoluções de todo Oriente Médio, desde a Tunísia, do Egito, passando pela Líbia onde as massas se armaram e um cenário similar acontece na Síria. Na Síria nossos irmãos venceram o exército de Bashar. Fizeram voar pelos ares seu aparato militar, derrotaram os generais de Bashar.

O imperialismo, assustado, viu que estava ameaçado seu gendarme sionista, e não duvidou em intervir, na forma na qual as massas não deixaram de intervir. Pois não era a época de Bush, mas a de Obama, a do "negro bom", na qual a classe operária dos EUA não permitira que sua burguesia imperialista fosse à guerra.

Então, o que fez o imperialismo foi pintar como "revolucionários" os generais dos quais falou Amir, para se colocar na cabeça da revolução e tentar controlar as massas, que não cediam nem um ápice pois queriam uma vida digna, como em todo o Oriente Médio. Surgiu assim o Exército Livre da Síria como uma quinta-coluna.

Na direita, o mártir Abu Al Baraa na mobilização aos quarteis da burguesia sunita para recuperar o armamento

Os primeiros que pactuaram com Bashar foram os burgueses curdos, os quais temos que denunciar em cada oportunidade, pois a esquerda a nível internacional os apresenta como um modelo a ser seguido e apoiado. Essa burguesia quebrou a frente da revolução síria e pactuou com Bashar.

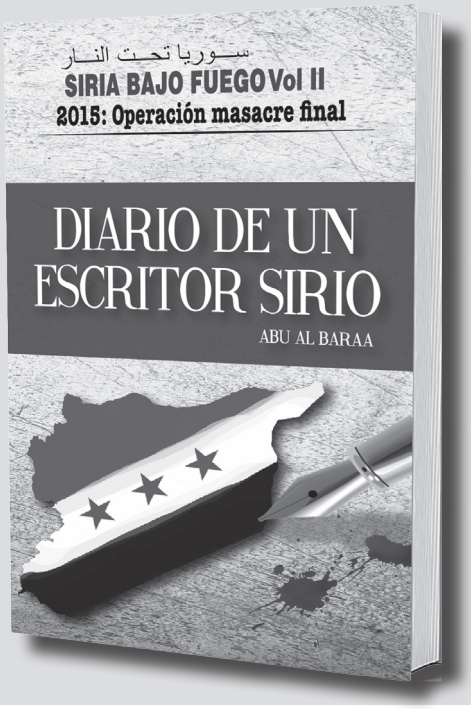
Essa revolução síria tedia a confluir com os processos revolucionários na Europa em 2011-2012. O imperialismo sabia que a tinha que barrar. E quem atirou os primeiros dardos de veneno contra essa revolução foram os partidos que se diziam de esquerda, que se dizem trotskistas, acusando as massas sírias de não serem da classe operária, de serem tropas da OTAN, de "cometer o delito" de se armar.

A revolução coloca para nós que, se não conquistarmos o armamento, se não coordenamos com outros países e outros companheiros para colocarmos de pé um partido revolucionário a nível internacional, que seja a direção que possa colocar as condições da vitória, os levantes revolucionários serão levados por sua direção à derrota.

Na Síria sobrou heroísmo e não só faltou uma direção revolucionária, mas, para além disso, teve superabundância de direções contrarrevolucionárias.

SÍRIA: *uma grandiosa revolução afogada em sangue e coberta de traições*

Ediciones
R.Klement
Nueva Época



editorialrudolphklement

Editorial Socialista Rudolph Klement

Intervenção de Carlos Munzer, membro do Conselho Editor de "O Organizador Operário Internacional"

De pé junto com as massas exploradas e martirizadas da heroica revolução síria!

Saudações para todos os companheiros presentes nesta jornada internacional; aos delegados do Comitê Nacional de Luta das Regiões do Peru, aos jovens rebeldes dos conos (bairros operários, NdeT) de Lima, à juventude das primeiras linhas da Colômbia, aos operários migrantes coletes pretos que intervêm desde a França. Uma saudação para todos os companheiros que enviaram sua solidariedade, como os marxistas revolucionários da JRCL-RMF do Japão. Uma saudação fraternal aos companheiros da central sindical UTC da Colômbia, aos dirigentes do sindicato Solidaires da França, aos companheiros de Democracia Obrera (da Argentina, NdeT) que, ano após anos, desde a Argentina jogaram um papel chave no apoio à heroica revolução síria.

Japão 2012. Troca das bandeiras do Comitê por Síria e os delegados da 50° Assembleia Internacional contra a Guerra

Da nossa corrente, o Coletivo pela Refundação da IV Internacional – FLTI, percorremos o mundo procurando colocar de pé a solidariedade internacional para que sejam as organizações operárias as que chegassem diretamente no campo de batalha para apoiar essa grande revolução que se desenvolvia na Síria. Viajamos ao Pacífico e a plenárias das centrais sindicais como a CSP-Conlutas do Brasil. Levamos a proposta aos sindicatos do Estado Espanhol e para centenas de organizações operárias do mundo para que sejam eles os que enviassem fundos e voluntários para lutar na Síria. Esse era o caminho para que seja a classe operária e suas organizações de luta quem tomasse em suas mãos a solidariedade com a revolução síria. Isso significava disputar abertamente o controle que exercia a burguesia sunita e os homes de negócios que, desde a retaguarda das zonas liberadas, entregaram uma por uma as cidades rebeldes.

Aos lutadores revolucionários da resistência síria queremos lhes dizer que não estiveram e nem estão sozinhos, apesar da brutal campanha de calunias e difamações que fizeram contra a revolução síria e os combatentes que deixaram sua vida enfrentando o fascista Al Assad.

O cão Bashar foi quem, junto com seu sócio, o açougueiro Putin, e a teocracia assassina do Irã, fez o "trabalho sujo" de massacrar as massas à conta de todas as potências imperialistas. Como todos vocês denunciaram, hoje todos eles se encontram reunidos junto com a Turquia e o restante das burguesias árabes para sustentar sobre sue ombros ao governo de Al Assad depois do genocídio na Síria.

Após 12 anos, a cortina de fumaça na Síria se dissipou e o podemos enxergar que são centenas de milhares de explorados os que foram massacrados, dezenas de milhares de presos políticos e desaparecidos e milhões de refugiados que continuam morando em barracas no meio do deserto ou em condições de miséria nos países vizinhos e na Europa.

Os partisanos da Síria tiveram que suportar uma campanha da quinta-coluna dos traidores do stalinismo e da esquerda socialimperialista mundial que os acusaram de serem "terroristas". O mesmo falou o imperialismo respeito dos trabalhadores e dos povos revolucionários que se levantaram no mundo. Foi a desculpa perfeita das potencias imperialistas para roubar, ocupar e explorar as nações oprimidas e para atacar sua própria classe operária que tinha se sublevado. Isso foi visto na Europa, onde acusavam de "terroristas" e "vândalos" quem ousasse romper os limites das burocracias e aristocracias operárias que submetem o proletariado aos seus carrascos.

Hoje a verdade se colocou à tona no meio de um mar de sangue, com as massas sírias ganhando as ruas de todas as zonas liberadas, para denunciar o pacto das burguesias sunitas, da Turquia, dos EUA e de toda a "comunidade internacional" que, sem que seja necessário esconder nada, sustentam publicamente Al Assad como o único governo reconhecido na Síria.

Isso também o paga o povo curdo que, longe de conseguir sua libertação, ficou isolado, submetido às baionetas de Al Assad e sob o comando das bases militares norte-americanas. Ali foi levado pelo Partido Comunista do Curdistão, que os colocou de joelhos e aos pés de seus opressores... Miseráveis.

Dezenas de grupos anarquistas e também dos renegados do trotskismo pregavam que ali existiam "comunas libertárias". Mentira. A menos que acreditem que os povoados controlados pelos centuriões ianques são "libertários"... Tanto "lutar con-

tra os ianques, apoiando Al Assad", como eles diziam, e acontece que todos acabaram sob a disciplina da OTAN e suas bases militares no norte da Síria. Uma infâmia.

Deixaram o povo curdo amarrado e submetido, agora, com as correntes de Al Assad, seu pacto com a Turquia, as botas de Putin e sob as ordens das bases ianques. Essa foi resultado da submissão do stalinismo ao imperialismo. Uma verdadeira tragédia para esse povo oprimido.

A questão ficou clara: Al Assad junto com Putin, com sua base militar em Latakia e seus mísseis, garantem às "7 irmãs" – quer dizer, as maiores petroleiras do planeta –, sugar as riquezas do petróleo do norte da Síria e custodiam os gasodutos e oleodutos que vão para Turquia. E o mais importante: Al Assad é o encarregado, como foi seu pai e seu regime infame, de custodiar e resguardar as Alturas do Golã ao sionismo.

Não deixaremos de denunciar a verdade. Já é hora que se saiba que foram as massas sírias as que protagonizaram há 12 anos uma grande revolução que foi esmagada a sangue e fogo por Al Assad e Putin e que foi entregue desde dentro pela burguesia sunita, Turquia e demais burguesias árabes. São os que hoje, num pacto contrarrevolucionário, partilham a Síria e seus negócios, sobre a base de um mar de sangue, repressão e miséria das massas revolucionárias.

Com sua ofensiva contrarrevolucionária na Síria, o imperialismo procurou e procura escarmentar todas as massas do Oriente Médio que se sublevaram no ano 2011 e a segunda intifada tenta se colocar de pé com os combates radicalizados e revolucionários dos explorados de Iraque e do Irã, antes foi em Sudão e na Argélia, novamente voltaram a lutar as massas tunisinas e se sublevaram os trabalhadores e o povo do Líbano contra o governo Hezbollah e seu pacto com a burguesia maronita pró-imperialista.

A direção burguesa e colaboracionista da Autoridade Nacional Palestina manteve esse heroico povo na "neutralidade" durante o massacre na Síria. O sionismo fez seu trabalho: com seus métodos fascistas redobrou por mil sua opressão, ocupação e saque da nação palestina...

Na revolução síria, a esquerda reformista e socialimperialista mundial apagaram a luz para que o fascismo possa assassinar a mão cheia aos operários e camponeses pobres durante 12 anos, que se sublevaram contra a fome e a feroz ditadura de Al Assad.

Idlib, mural pelo 12° aniversário da revolução síria

Então, enviamos nossa saudação revolucionária aos partisanos da Síria que resistem não só a guerra contrarrevolucionária de Al Assad e aos tiros pelas costas do HTS e da Turquia, mas também ao isolamento imposto por todas as direções traidoras do planeta.

Nossa corrente está na Síria. Temos sido e continuaremos sendo porta-vozes desse heroico combate. Deixamos nele nossos companheiros caídos e tiramos lições dessa enorme revolução. Como diziam mutios revolucionários sírios: Hoje é a Síria, amanhã será teu país, tua cidade, teu bairro, tua casa...

Algumas conclusões que é preciso ter em conta 12 anos após do início da revolução síria

Após 12 anos, nós, revolucionários, viemos denunciar essa frente única dos serventes do imperialismo, encabeçada pelo carrasco Al Assad, que fez uma verdadeira "guerra de procuração" para esmagar uma grandiosa revolução.

Afirmamos que as massas colocaram tudo durante o levante revolucionário na Síria. Foram cercadas a nível internacional e entregues desde dentro pelos clérigos e religiosos sunitas, sócios dos mesmos países árabes com a Arábia Saudita ou os Emirados Árabes Unidos hoje, **depois de massacrar no lêmen**, sustentam abertamente a continuidade de Al Assad.

Denunciamos a burguesia e o stalinismo que separaram a revolução palestina dos combates da Síria e racharam a frente de luta contra Al Assad no levante de 2011, apoiando a burguesia curda que pactuou com o cão Bashar o estrangulamento da revolução.

Denunciamos a esquerda social imperialista que, junto com a direção burguesa do Exército Livre da Síria, fez com que as massas acreditassem que derrotariam Al Assad com o "apoio da OTAN", com os "EUA liberando os céus", com a mobilização da "comunidade internacional" ...

Com estes "cantos de sereias", o objetivo era desarmar as massas e impor sua rendição para depois serem parte da entrega e a partição da Síria.

Os porta-vozes dessa política hoje guardam silencio respeito da sua própria ignomínia. Talvez hoje façam algum ato da "comunidade internacional", mas só será para lavar sua roupa suja.

Nós, socialistas revolucionários, afirmamos que só com o método da revolução socialista, expropriando os capitalistas, unificando toda a classe operária da Síria pela demanda de pão e terra, expropriando os homens de negócios na retaguarda e colocando todas as forças para esmagar Al Assad em Damasco, era possível avançar na vitória da revolução síria.

Reivindicamos os comités de coordenação dos trabalhadores, do povo pobre e dos soldados rasos que no ano 2011 racharam o exército de Al Assad, se armaram e se auto-organizaram. Esses foram os organismos de poder dos de abaixo. Tratou-se disso a contrarrevolução: esmaga-los para que não triunfasse a revolução operária e camponesa que derrotasse Al Assad e exproprie os expropriadores do povo.

Com uma política revolucionária da classe operária dos explorados da Síria, teria se coordenado o combate da classe operária tunisina, argelina, libanesa e do poderoso proletariado iraniano e iraquiano que hoje estão em grandes manobras de luta de luta revolucionária.

A revolução síria recuou e sofreu duros golpes contrarrevolucionários não por conta da falta de heroísmo das massas, mas porque foram brutalmente traídas e entregadas, e pela superabundância de direções traidoras que as deixaram isoladas e separadas da intifada de todo Oriente Médio e dos levantes da classe operária europeia, norte-americana e mundial.

Se teriam impulsionado pela revolução síria uma parte considerável das ações de solidariedade que se realizaram com a nação palestina e contra a guerra dos ianques no Vietnam ou no Iraque, faz tempo que as massas da Síria teriam chegado em Damasco, com a cabeça de AL Assad na mão.

A nível internacional, renegados do trotskismo, stalinistas e socialdemocratas fizeram acreditar aos trabalhadores do mundo que os que lutavam na Síria eram "terroristas", "do ISIS", "agentes invasores dos ianques"... Denunciamos eles porque são os que isolaram a revolução síria da classe operária mundial. Eles são responsáveis fundamentais da derrota e do isolamento das massas sírias, como também são quem chamou a ter confiança no apoio da OTAN e dos EUA para se libertar, quando hoje fica claro que a ONU com os ianques, Putin, China, França, Inglaterra... reconheceram todos a Al Assad.

Suas mentiras acabaram. Já é hora que mostrem sua cara e se façam responsáveis do massacre na Síria, um dos maiores genocídios das últimas décadas, como foi nos Bálcãs, Chechênia e no Congo.

Para os trabalhadores do mundo, é uma tarefa decisiva aprender destas lições que deixou a revolução e a contrarrevolução na Síria.

2015. Apresentação do livro Síria sob Fogo na Biblioteca Nacional em Buenos Aires

As lições da Síria são chave para se orientar perante a guerra de ocupação que impôs a grande Rússia contra a nação e o povo ucraniano. Os traidores que sustentam Putin na sua guerra contra a Ucrânia afirmam que "o inimigo é a OTAN" e não que a é a OTAN mesmo e os ianques quem deixou correr que a grande Rússia invadisse a Ucrânia. Silenciaram que os mortos são da classe operária ucraniana e da juventude operária da Rússia, enviada como carne de canhão a morrer no campo de batalha. Calam que quem está sendo ocupada e aniquilada é uma nação oprimida, saqueada mil vezes pelo FMI. Escondem que todos os governos tanto pró-ianques como pró-russos que estiveram governando a Ucrânia nas últimas décadas, foram os maiores serventes e lacaios do FMI e do Banco Mundial. O governo Yanukovich, que foi derrocado pelas massas em 2014, é tão só um exemplo disso.

Hoje ficou claro que os ianques entregaram a Ucrânia igual um pião para que Putin a devastasse, mas que não ganhe definitivamente a guerra. Assim os EUA poderão ficar com uma Ucrânia destruída e com sua classe operária derrotada, enquanto desgasta econômica, política e militarmente a Rússia para, no futuro, ir por ela.

A classe operária ucraniana, igual que as massas sírias, têm como primeira tarefa enfrentar Putin e seus lacaios e derrotar sua máquina de guerra, que é a que defende os negócios das transnacionais imperialistas e dos grandes capitalistas em todas as ex repúblicas soviéticas, na Eurásia e na Rússia.

Os operários ucranianos têm a chave da vitória em sua luta por expulsar todas as tropas de ocupação de sua nação, com a unidade com a juventude e os trabalhadores russos que se negam a morrer por Putin e seus oligarcas bilionários, sócios do saqueio e da opressão *manu militari* de toda a Eurásia.

A classe operária ucraniana tem demandas comuns contra o governo Zelensky que proibiu o direito de greve e tirou todas as conquistas operárias, enquanto Putin faz meses que não paga os salários dos mineiros do Donbass. Unificar a classe operária de toda a Ucrânia por suas demandas é a tarefa atual. Isso permitirá colocar de pé uma direção proletária da guerra para tomar em suas mãos todos os recursos econômicos e militares para derrotar Putin e romper com o FMI, o imperialismo e a OTAN, para fazer pagar a guerra aos grandes capitalistas, a Monsanto, a Cargill, a ArcelorMittal e os barões do gás, que são os que estão fazendo negócios milionários com a morte e a fome do povo.

Em última instancia, a vitória contra Putin e a ruptura com o FMI, só a poderá garantir uma Ucrânia soviética, socialista e independente. Tudo além disso é uma mentira e uma traição.

Toda a esquerda socialimperialista europeia – que vive das migalhas que o Maastricht e o imperialismo ianque deixa como moedas que caem da sua mesa –, diz "enfrentar ao imperialismo"... Mas hoje, quando os trabalhadores e o povo da França se insurreciona contra um dos governos mais poderosos da OTAN e do Maastricht, vão todos para salvar Macron para impedir

uma nova vitória dos explorados, como faz um século e meio foi a Comuna de Paris.

Hoje na França, como nos combates que iniciaram na América Latina, se joga o futuro da resistência das massas sírias, palestinas e de todo Oriente Médio.

Na América Latina, estourou uma onda de revoluções gêmeas com as de Oriente Médio. Atingiu em Equador, Chile, Bolívia, Colômbia. Uma verdadeira maré revolucionária que também sublevou o Peru explorado. O imperialismo hoje tenta deter isso com cantos de sereia. Mas sabemos que no meio de um dos crash mais profundos do sistema capitalista mundial, para ficar com o lítio, os minerais e as riquezas dos povos oprimidos, o imperialismo prepara e preparará novos golpes contrarrevolucionários, guerras e fascismo, como fez no Oriente Médio pelo petróleo.

Aprender destas lições da revolução síria é uma tarefa de todo operário consciente. Distinguir quem é realmente aliado e quem é o inimigo da revolução se torna decisivo para abrir o caminho à próxima vitória. Trata-se disso a fundamental tarefa dos revolucionários.

Desde Europa, é preciso colocar em pé um Comitê Internacional de solidariedade por Síria

Hoje vemos que em diversos países do Oriente Médio, as massas voltam às ruas como no Líbano, Irã, Iraque, Marrocos, Sudão... mas hoje a Síria, por enquanto, está derrotada e numa fase de resistência. O mesmo acontece na Palestina martirizada.

Um apoio internacional à resistência síria e palestina é indispensável para fortalecer os explorados de todo Oriente Médio que conseguiu uma nova ofensiva contra o imperialismo e seus regimes de opróbrio.

A revolução síria não pode ficar desse jeito, nem as massas palestinas podem continuar sofrendo milhares de inequidades pelo invasor sionista. As revoluções do Oriente Médio hoje devem tomar em suas mãos apoiar a resistência síria e palestina. Isso é de vida ou morte.

O papel das direções traidoras dos trabalhadores e dos povos oprimidos do mundo arredor da Síria foram para confundir as massas e envenenar suas consciências para **fazer passar seus aliados, ao povo sírio sublevado, como se fossem seus inimigos, e seus verdadeiros inimigos, que são Al Assad e Putin, como seus amigos**. Enquanto, outros afirmavam que seus verdadeiros aliados eram da OTAN e dos EUA que sustentaram "entregariam armas às massas rebeldes". Uma mentira, como já fica demonstrado. O imperialismo ianque jamais será uma força para colaborar em libertar os povos oprimidos. É o maior opressor do planeta.

Hoje, no momento que tudo fica claro, após 12 anos de genocídio, todos os canalhas que fizeram isso estão em silêncio, para que amanhã essa obra volte a ser representada num novo massacre numa outra revolução.

Nosso combate diário é para que os trabalhadores do mundo tomem como próprio o reclamo de barrar o massacre na Síria.

Essa mesma luta, por exemplo, impulsionamos na América Latina, para que a classe operária de cada país veja que a luta é uma só para romper com o imperialismo e com o FMI e derrotar seus governos e regimes infames; que os aliados são os trabalhadores dos EUA para frear o saque imperialista e seu "quintal".

Como os companheiros já sabem, e é por isso que estamos lutando, para fazer um grande Congresso Latino-americano das organizações operárias para coordenar e centralizar o combate contra o impe-

A Verdade dos Oprimidos
periódico dos socialistas
da Síria e Oriente Médio

JÁ SAIU O SUPLEMENTO DIGITAL

Especial em espanhol pela Jornada Internacionalista no 12° aniversário da revolução

Haqeqa Al Maqhoureen

Suplemento Digital
cliquee sobre los artículos para ver las notas completas
Jornada internacionalista en el 12° aniversario de la revolución siria
Una revolución ensangrentada, ¡La resistencia no se rinde! ¡No habrá olvido ni perdón!
El 25 de marzo se realizó la jornada internacionalista convocada desde el terreno mismo de Siria por el periódico La Verdad de los Oprimidos y el Organizador Obrero Internacional, en donde participaron compañeros de organizaciones obreras y de lucha de Perú, Colombia, Francia, entre otros.
Presentación
por Abu Muad

rialismo em todo o continente.

A luta por restabelecer o internacionalismo militante em todas as organizações operárias e de todos os povos oprimidos do mundo é a tarefa do momento. Nisso radicará a fortaleça dos levantes das massas que estão em andamento para a vitória da revolução.

A solidariedade com as massas sírias não pode se manter dispersa país por país. Um dia de luta pela Sìria não pode ser uma vez por ano, no aniversário da revolução. Torna-se decisivo avançar no apoio da resistencia síria que já ganhou as ruas novamente contra o pacto infame da Turquia e do HTS com Al Assad, Putin e os ianques para garantir a sobrevivência do cão Bashar na frente do governo sírio.

A intifada síria faz parte indivisível da intifada palestina pela expulsão do invasor sionista.

Os comitês de solidariedade com a Síria que existe na Europa, que fizeram passeatas e marcharam no 15 de março na Alemanha, nos Países Baixos, na Itália, na França, na Espanha, na Finlândia, têm a possibilidade de **chamar já para colocar de pé sem demora um Comitê de Luta Internacional de solidariedade com a Síria e com a heroica resistência do povo palestino.**

Infelizmente, essa proposta não foi colocada em nenhum dos atos que se fizeram em solidariedade neste 12° aniversário. Se esperamos ao 13° aniversario, haverá dezenas e dezenas de novos massacrados e milhões que aprofundarão o martírio. A solidariedade concreta deve ser aqui e agora.

Propomos para essas organizações de trabalhadores, de Direitos Humanos, anti-imperialistas, coordenar a solidariedade concreta em apoio das massas sírias e palestinas; e organizar um grande movimento na Europa para expulsar todos os embaixadores de Al Assad e do sionismo. Eles e os regimes imperialistas são os verdadeiros terroristas!

Por que das capitais europeias os organizadores destes atos em solidariedade não chamam a colocar de pé um Comitê internacional de solidariedade com a Síria que vão para todos os sindicatos e chame todas as organizações operárias para apoiar a revolução síria? Por que só nos 15 de março? Isso n{ao pode continuar assim.

Desde “O Organizador Operário Internacional” afirmamos que já acabou a experiência que fizeram milhares de refugiados em pressionar a ONU e a “sociedade civil”. Eles estão todos apoiando Al Assad. Nada os estremeceu, nem nossos mártires, nem os torturados, nem os desaparecidos, nem os presos, nem os refugiados. Eles são parte do problema e não a solução.

Por isso propomos chamar, sem demora, uma reunião internacional para colocar de pé na Europa um Comitê Internacional de solidariedade com a Síria, que dentre outras cosas garanta que nenhum refugiado mais morra atravessando o Mediterrâneo, nem sírio, nem afegão, nem marroquino. Nuca mais! Documentos para todos já!

Após 12 anos, uma nova geração entrou ao combate a nível internacional e à vida política contra os opressores. Também nasceram uma nova geração que desde crianças padeceram bombardeios e massacre e hoje são uma parte importantíssima da resistência contra o genocídio Al Assad. Estas lições dessa heroica revolução dever ser conhecidas para que definitivamente os trabalhadores e os povos oprimidos do mundo possam afirmar que **os inimigos do povo sírio são Al Assad, Putin, Turquia e as burguesias cobardes sunitas que, junto com os ianques, partiram a Síria, exploram suas riquezas e têm massacrado seu povo, e que seus verdadeiros aliados é a heroica resistência das massas oprimidas que agora ganha novamente as ruas, como também em todo Oriente Médio e a nível internacional.**

A bandeira da resistência síria deve se levantar nas ruas de Paris, assim com se levantaram nas ruas dos combates do Chile, da Colômbia e em toda América Latina. Também deve estar no front do combate contra a ocupação do assassino Putin na Ucrânia, na qual morre a classe operária e não os oligarcas entregadores da guerra nacional como Zelensky e seus sócios.

Nós, trotskistas, lutaremos por isso e continuaremos combatendo pela defensa intransigente dos explorados de uma revolução mil vezes caluniada, mil vezes traída.

30 de Janeiro. funerall dos mártires da Palestina

22 de abril de 2023

IRÃ

Entrou ao combate um batalhão chave da classe operária iraniana, do Oriente Médio e mundial

Viva a luta dos operários petroleiros do Irã!
Fora a teocracia assassina!

Veja a matéria completa em: www.flti-ci.org

Facsimile em persa do cartaz da greve nacional no Irã

IÊMEN

20 de abril de 2023

Pelo menos 90 pessoas morrem num tumulto na frente de um centro de distribuição de alimentos na capital iemenita, Sanã

Um massacre aos famintos

Tanto Iêmen, quanto Egito, Síria, Líbia, Tunísia, etc. foi parte de uma cadeia de heroicas revoluções que foram traídas e depois massacradas pela contrarrevolução e pelo imperialismo.

Ontem pela noite, centenas de pessoas famintas, na sua maioria viúvas, órfãos e idosos, se amontoaram numa escola na qual seriam entregues doações. Perante a multidão lotando a porta da escola, os hoties dispararam ao ar para dispersar e acabaram atingindo um cabo de alta tensão que caiu encima da multidão matando pelo menos 90 pessoas.

Iêmen é uma verdadeira reserva de mão de obra escrava. Dali saíram os milhares de operários que construíram Qatar, que constroem os poços de petróleo das empresas imperialistas na Arábia Saudita, nos Emirados Árabes Unidos, em Kuwait.

Eles se levantaram no ano de 2011, uniram suas fileiras, a dos camponeses pobres do norte e os operários de Sanã e no sul do país e arremeteram contra o governo assassino e pró-ianque de Saleh.

Por seu heroico levante no ano de 2011, como parte da cadeia revolucionária do Magreb e Oriente Médio, receberam um castigo brutal por parte de 7 exércitos das burguesias do Golfo encabeçadas pela Arábia Saudita, enquanto transformaram Iêmen em terra arrasada.

Milhares morreram numa heroica resistência, enquanto as burguesias locais pactuaram com as tropas invasoras que não puderam entrar e nem restabelecer um domínio do território sobre o sangue das valentes massas insurrecionadas. Foram anos de uma heroica resistência e duros massacres, nada diferente aos ataques de Al Assad, Putin e da Guarda Islâmica iraniana na Síria.

Centenas de explorados se amontoam para receber um pouco de pão

No mês de abril de 2022 já com as massas divididas num Iêmen bloqueado, com uma revolução ensanguentada, assumiu a presidência Rashad Al Alimi. Na Arábia Saudita e com o respaldo dos Emirados Árabes Unidos, se colocou de pé num pacto infame um "Conselho de liderança" para restabelecer o poder presidencial no Iêmen. A maioria das frações burguesas iemenitas entraram no acordo entregando o sangue e a vida dos explorados.

O escarmento foi um cerco de fome no Iêmen que milhares de explorados padecem. Enquanto as frações burguesas pactuam o "Conselho de Liderança". Enquanto isso, os houties do norte se encontram até hoje pechinchando o controle dos negócios milionários do petróleo e do gás do Iêmen.

Um cerco de fome

De que "comunidade internacional", ONU ou ONG falam quem entregou e dividiu as cadeias revolucionárias que percorreram Oriente Médio desde o ano de 2011?

Os miseráveis da esquerda socialimperialista acusaram as massas iemenitas de terroristas, os chamaram "povos bárbaros". CANALHAS! Esse é o trato da aristocracia e da burocracia aos operários escravos do Oriente Médio. Os bárbaros e fascistas nos países coloniais vêm de Wall Street, de Londres, do Berlim, do París!

Como foi na Síria, hoje no Iêmen um grande pacto de controle e saque está em

andamento. O pacto de Irã e Arábia Saudita se vem expressando com um cessar fogo provisórios. Como vemos, todas as frações burguesas o apoiam, enquanto as quadrilhas locais pechincham parte dos negócios com o imperialismo das rendas petrolíferas e do gás no Iêmen faminto e ensanguentado.

Enquanto, as massas se amontoam e morrem esmagadas por um punhado de farinha e arroz jogado aos famintos que desesperadamente procuravam comida na porta de uma escola. Esse é o resultado da partilha dos alimentos podres das ONG e da ONU!

Nos processos revolucionários do Magreb e do Oriente Médio se lutou por uma vida digna, pelo pão, pela dignidade e pela independência nacional de seus povos!

O saque imperialista e a voracidade dos capitais nativos é a causa da decadência nacional, da fome e da feroz repressão contra os povos sublevados!

Os bárbaros de Wall Street, de Londres, de Berlim, de Paris vêm por tudo, nesta região se produz 80% de toda a energia do planeta: do ouro negro e do gás... A revolução deve ir por todos eles!

É preciso expropriar os expropriadores para que o povo coma e viva! Expulsar o imperialismo! Armas para as massas!

É preciso preparar o triunfo das próximas revoluções e ondas de combate colocando de pé o partido revolucionário dos escravos insurretos!

É preciso romper com os homens de negócios da burguesia locais e seus governos e regimes infames!

A classe operária da Europa e dos EUA devem olhar atentamente a tragédia dos trabalhadores de Iêmen, Síria e toda a região. Esse é o futebol que levará o crash mundial capitalista, com novas guerras de conquistas nas disputas interimperialistas.

Logo será 1° de Maio.

Os mártires de Chicago e de hoje morrem no Iêmen, na Síria, na Palestina.

Já é hora de unir as forças internacionais dos trabalhadores do mundo!

A esquerda socialimperialista, que vive das moedas que jogam seus chefes do capital financeiro internacional, têm também os dias contados. TRAIDORES!!!

INGRESSE NO NOSSO
CANAL DE DIFUSÃO NO TELEGRAM

● Receba todos os artigos e matérias na hora
Mantenha-se ao dia informado dos acontecimentos mais importantes da luta de classes a nível internacional

● Grupo de difusão do periódico da FLTI-QI e da voz das organizações revolucionárias do mundo que enfrentam o sistema capitalista em bancarrota e as correntes reformistas que o sustentam.

https://t.me/ORGANIZADOROBREROINTERNACIONAL

Continuação da contra-capa

de mãos atadas por seu próprio povo e pela classe operária mundial para ir a uma guerra de extermínio total por bombardeios aéreos, como fez o "Átila" de Moscou junto com Al Assad na Síria.

É então que **a política da Rússia parece estar concentrada na guerra de trincheiras, na ocupação do território, que era o que tinha antes da invasão, e no cerco e destruição gradual da infraestrutura da Ucrânia por via aérea com drones, e do mar Báltico e do mar Negro**.

Estima-se que a Rússia tenha destruído cerca da metade da infraestrutura energética, mergulhando a população na escuridão e no frio nos meses mais rigorosos do inverno. **E essa ofensiva de Putin incluiu invadir a Bielo-Rússia, com o apoio do governo daquele país, trazendo tropas e armas nucleares**. Ali mesmo, em 2020, o chacal Putin desempenhou seu papel de assassino e gendarme do imperialismo, apoiando o odiado regime de Lukashenko e reprimindo aos operários revoltados com suas tropas assassinas. **Bielorrússia e Cazaquistão** foram então onde Putin massacrou levantes e revoltas operárias e do povão pobre nos últimos anos. Essas aventuras contrarrevolucionárias foram a "cabeça de ponte" de Putin e sua invasão da Ucrânia.

Estamos diante uma guerra de invasão da "Grande Rússia" contra uma nação oprimida que é a Ucrânia. Putin, querendo provar que ainda é necessário como gendarme do imperialismo na região, busca ficar com uma parte da nação ucraniana, enquanto os ianques e a OTAN, sem disparar um só tiro direto, procuram ficar com a fatia maior do butim da Ucrânia endividada em graus extremos e oferecendo um suculento negócio bilionário de reconstrução, pelo qual todo o imperialismo estala a boca.

Por isso, com o passar dos meses, **fica com clareza que a política do imperialismo na Ucrânia é Putin massacra e devasta a nação, mas não ganha a guerra**.

Contra a esquerda lacaia da OTAN, que clama para que a OTAN lhe envie mais e melhores armas, o imperialismo não quer armar a Ucrânia a tal ponto que derrote Moscou. Além disso, os ianques não são uma força de libertação nacional.

Rússia. Os cães de guarda de Putin reprimem e encarceram manifestantes contra a guerra em 2022

Afirmar o contrário não é apenas uma falácia, mas uma verdadeira infâmia.

Os EUA forçam a Rússia a uma guerra defensiva de trincheiras, onde as áreas já começam a ser delimitadas com fronteiras de guerra, tanto no Donbass quanto na Crimeia.

Nesta guerra de atrito, os ianques têm o cuidado de não enfraquecer ao extremo Putin e suas forças contrarrevolucionárias, já que os EUA ainda não conseguem, com seu próprio exército, deter os operários que se levantaram em sucessivas revoltas como vimos no Cazaquistão, Quirguistão, ontem na Geórgia e no Cáucaso, contra o pior dos saques imperialistas e ataque dos capitalistas contra as massas. Os EUA ainda precisam do seu assassino de aluguel, inclusive na Síria, para que continuem a desempenhar um papel vital no apoio do Al Assad, o que garante a divisão daquela nação e um enorme saque de todas as potências imperialistas, tanto dos EUA quanto da Europa e da mesma Turquia.

Daí esta guerra de desgaste que os EUA provocam à Rússia na Ucrânia e o cerco econômico a ela imposto para que surja em Moscovo uma facção burguesa, agente direto de Washington. É disso que Wall Street precisa, que vem quebrando o equilíbrio, o comércio e o espaço vital que o imperialismo franco-alemão tinha em toda a Europa, baseado em grande parte na extração de minerais, gás e matérias -primas da Rússia.

Por seu lado, Moscovo não pode renunciar ao Donbass ou à Crimeia, sob o risco de uma nova implosão, crise e até revolta de massas. A revolta de milhares e milhares de jovens que se recusam a ir lutar e morrer pelo chacal de São Petersburgo e seus negócios antecipa o que viria com a queda de Putin.

Por outro lado, como podemos ver, a retirada maciça do capital imperialista da Rússia está causando sérios danos à sua moeda, já que as transnacionais se retiram vendendo suas ações e empresas e tirando os dólares delas. Durante a guerra, 25 bilhões de dólares deixaram a Rússia. A crise lá já começou.

Que Putin "anti-imperialista", enquanto os ianques impõem um embargo de seus bens no exterior à oligarquia russa e seus negócios por mais de 300 bilhões de dólares, ele facilita para no Moscou para que possam tomá-los livremente quando liquidarem suas empresas, bancos, etc. A desvalorização do rublo já atingiu a grande Rússia e com ela o aumento da fome e da miséria das massas.

Como veremos neste artigo, longe do que afirmam que o chacal Putin "está libertando" a Ucrânia, e longe do que proclama o "clube de amigos da OTAN", que querem apresentá-la como salvadora da nação, **mais e mais massacra Putin à Ucrânia, e cada vez mais fica a nação e a classe operária permanecem amarradas e submetidas ao imperialismo. Para dizer a verdade, o massacre de Putin e o saque imperialista são as duas pontas da mesma corda que estrangula a nação ucraniana e sua classe operária.**

Ucrânia: uma nação saqueada pelo imperialismo e destruída pelas bombas de Putin
A Ucrânia será soviética e independente ou será uma colônia tutelada

Desde a invasão russa, a Ucrânia gastou **mais de US$ 32 bilhões em defesa nacional**, quase 10 vezes mais do que em 2021. Apesar dos **níveis recordes de desemprego**, várias regiões já enfrentam **escassez de pessoal** devido ao êxodo forçado de quase **8 milhões de pessoas que partiram a Ucrânia** e os **5 milhões de deslocados internos**. A alta inflação e o aumento dos preços dos alimentos, bens essenciais e eletricidade produziram uma grave crise de custo de vida nos tempos da guerra.

Enquanto isso, bancos e empresas permanecem nas mãos do imperialismo e dos parceiros oligarcas de Zelensky fazendo negócios fabulosos.

Lembremos que, **na plena guerra, Zelensky aplicou contra os trabalhadores uma brutal reforma trabalhista flexibilizada** como nenhum presidente anterior (nem Yanukovich, sócio de Moscou, nem o fantoche do imperialismo Poroschenko) havia conseguido impor. Através desta lei foi permitido **demitir trabalhadores sem justa causa e sem o consentimento dos sindicatos, a semana de trabalho foi aumentada para 60 horas e a inviolabilidade do direito ao salário foi abolida**. Além disso, **Zelensky isentou os empregadores de manter os empregos reservados e de continuar pagando os salários dos trabalhadores inscritos na frente de batalha**.

Como sempre faz a burguesia, os custos da guerra e da crise são descarregados nos trabalhadores. Até os soldados veem o seu salário afetado, somado ao fato de que alguns ainda aguardam seus bônus desde novembro ou dezembro**, gerando uma onda de descontentamento e até desmoralização entre os soldados.**

O imperialismo estala os lábios: o negócio da dívida e a reconstrução

O negócio pelo qual os EUA e as potências europeias lambem os lábios é **a futura reconstrução da Ucrânia, avaliada em 750 bilhões de dólares**.

Os escombros das casas em Irpin, depois do bombardeio russo em março de 2022

Contra os esquerdistas servidores da OTAN, vale esclarecer que os piratas imperialistas não dão uma única munição de fuzil à Ucrânia, mas eles são cobrados. É o seu negócio. Vamos ver:

A dívida externa da Ucrânia não para de crescer a cada pacote de "ajuda", a cada remessa de material bélico, que em sua grande maioria nada mais é do que o saldo e as sobras que os estados imperialistas haviam deixado de lado, que **está para ser pago**. **Desde 24 de fevereiro de 2022, quando começou a invasão russa, a Ucrânia recebeu mais de US$ 20 bilhões do Banco Mundial e mais de US$ 110 bilhões dos Estados Unidos, incluindo apoio militar. Um verdadeiro saque das veias da Ucrânia. Somente em 2022 a Ucrânia teve que pagar cerca de 18,5 bilhões de dólares de dívida externa. Além dos juros que se multiplicam a cada adiamento dessa dívida fraudulenta**, além disso, tem que adicionar novos empréstimos milionários —sujeitos a novas reformas políticas e econômicas— que continuarão a aumentar a hipoteca ucraniana.

Enquanto isso, **a Cargill, a Monsanto e as grandes empresas de grãos continuam obtendo lucros fabulosos com os grãos ucranianos. Da mesma forma, os altos-fornos da siderúrgica Arcelormittal em Kyrvoi Rih continuam operando, enquanto suas minas e jazidas de carvão, grafite, titânio e manganês (que representam a terceira reserva mundial), entre outras riquezas, não param de ser saqueados. Todos eles fazem grandes negócios com o sangue do proletariado e das massas empobrecidas da cidade e do campo.**

Enquanto Putin afoga em sangue e destrói a Ucrânia, a Rússia está cada vez mais cercada e economicamente afogada

Como já vimos e demonstramos, o atolamento da Rússia na Ucrânia teve um forte impacto em sua economia. **As receitas de energia do governo caíram quase pela metade**, enquanto **o déficit fiscal atingiu US$ 34 bilhões** nos primeiros dois meses deste ano, **o equivalente a mais de 1,5% da produção econômica total do país. A taxa de crescimento atual da Rússia é de 1%,** o que num país como este não é sequer uma taxa de manutenção, com uma **contração em volta de 2% do seu PIB.**

Os bancos russos também são atingidos pela crise econômica resultante da guerra com prejuízos milionários para o Banco Central e diminuição dos lucros dos maiores bancos da Rússia.

Por seu lado, as restrições às importações na Rússia estão atingindo a indústria. **A indústria de defesa russa continua fortemente dependente de peças e componentes importados do Ocidente.** E nesta guerra a Rússia perdeu quantidades substanciais de armas, munições e equipamentos. Em meados de dezembro de 2022, **a Rússia havia perdido 4.500 veículos blindados, 63 aeronaves de asa fixa, 70 helicópteros, 150 veículos aéreos não tripulados, 12 navios de guerra e**

mais de 600 sistemas de artilharia.

Estima-se (porque grande parte do orçamento é classificado ou não listado) que um terço do **orçamento russo seja destinado à invasão: US$ 31 bilhões.** Mas embora a indústria de armas seja a que se mostra "prospera" na economia russa, isso corresponde ao seu próprio consumo porque está liderando uma invasão, enquanto a Rússia como "grande exportadora de armas" não está mais ocupando essa posição. **A participação da Rússia nas exportações mundiais de armas caiu de 22% para 16%.** Sem dúvida, o maior beneficiário dessa queda foram os EUA: **sua participação no mercado cresceu até 7 pontos percentuais até 40%.**

Insistimos, nesta guerra, **Putin destrói a Ucrânia, devasta e massacra e afoga em sangue a classe operária ucraniana, que será absolutamente esmagada se Putin vencer a guerra** -outro dos grandes objetivos desta invasão-, **impor a partição da nação e sua colonização definitiva.** E, se o proletariado não impedir, veremos novos confrontos mundiais entre as potências imperialistas para recolonizar a Rússia e a China.

Mas hoje a política dos EUA é, como dissemos, que a Rússia não vença a guerra, mas se desgaste a tal ponto, que vá à falência econômica... sem que a OTAN dispare um único tiro. É disso que se trata a força da política de Biden e da OTAN.

Contra aqueles que afirmam que se trata de uma "guerra interimperialista" entre os EUA e a OTAN e Putin, mentem descaradamente. É que se trata de uma **rara "guerra da OTAN" na que entrega mísseis que não ultrapassam os 80 quilómetros, alguns drones e material absolutamente defensivo, só para que a Rússia não avance tomando mais território. A guerra dos Estados Unidos contra a Rússia é comercial; é quebrá-la e pressioná-la militarmente com a OTAN.** A Finlândia aderiu recentemente à OTAN, acrescentando 1.300 quilômetros de fronteira com a Rússia.

A posição marxista diante da guerra: uma política de classe e em defesa da nação oprimida

A Ucrânia já está partida, está ocupada pela Rússia no Donbass e na Crimeia, e está sendo imposto "o pacto de paz" que já havia sido assinado nos acordos de Minsk e agora é mantido pelas armas.

Setores da esquerda mundial argumentam que o caráter de "luta nacional" foi liquidado e que se trata de uma guerra entre dois lados reacionários. Apagam assim toda a linha de classe na guerra, escondendo à classe operária ucraniana e à base dos soldados russos, operários forçados a ir para a guerra fratricida, são eles que estão nas trincheiras e deitam os mortos, enquanto os grandes oligarcas e toda a burguesia continuam a fazer negócios fabulosos, longe das frentes de batalha.

Eles também procuram apagar a questão nacional ucraniana. Mas a Ucrânia é uma nação oprimida, mantida em cadeias duplas e triplas pela oligarquia nativa semifascista, um agente tanto de Moscou, com quem teve e ainda tem grandes negócios, quanto do FMI. Hoje as baionetas de Putin ocuparam a nação ucraniana. Está destruindo-o, tomando muito cuidado para não atacar as grandes indústrias, portos, minas e terras que estão sob controle imperialista.

Eles escondem o fato de que a guerra na Ucrânia é para a partição, o saque, a pilhagem, massacre e destruição que Putin impõe hoje aquela nação, para abrir caminho amanhã para uma colonização aberta pelo imperialismo. Estamos perante uma nação repleta de riquezas e com uma localização estratégica para o trânsito de mercadorias em toda a Europa. Uma nação subjugada por séculos, pelos czares, por Hitler, por Moscou...

Como defendemos em nosso livro, **a Ucrânia em guerra**: **"Qualquer política diante desta guerra que não comece por lutar para conquistar a libertação nacional da Ucrânia, esmagando a invasão russa e rompendo com o imperialismo, sob a liderança de sua classe operária aliada aos trabalhadores da Europa, não é uma política marxista, mas uma política de lacaios do imperialismo e da pilhagem da oligarquia de Moscou".**

Temos que parar já o massacre contra a classe operária ucraniana! Por uma direção proletária da guerra!

Enquanto os bombardeios de Putin caem sobre as cabeças dos trabalhadores e do povo pobre, enquanto ele sangra a nação, e a leva à ruína, **Zelensky na retaguarda tira as pensões, não paga salários, aumenta a jornada de trabalho, impõe uma brutal flexibilização trabalhista**, e nem mesmo garante que os operários na frente de batalha possam ter botas, binóculos, nem mesmo papel higiênico. Enquanto isso, a Ucrânia continua se endividando e **no meio da guerra paga 7.500 milhões de dólares ao FMI. Assim não podemos esmagar o invasor e vencer a guerra!**

Nesta guerra, os explorados não podem continuar deixando suas vidas pelos exploradores e algozes para continuar vivendo afundados na fome e na miséria. **Um programa de reforma social é necessário, de ataque aos negócios dos capitalistas e do imperialismo para vencer a guerra:**

Todos os recursos, cada dólar ucraniano, cada fábrica, cada grão de trigo devem estar a serviço do povo e dos trabalhadores comam e tenham os melhores suprimentos e armamentos para vencer a guerra!

Ucrânia: Mariupol destruída pelos bombardeios russos

É urgente e indispensável que a classe operária seja quem liderar esta guerra para derrotar o invasor!

Por comites de operários e soldados rasos de cada bairro, cidade, região e a nível nacional! Os operários, o povo pobre e os soldados rasos **devem tomar em suas mãos o controle do armamento de todos os quartéis ucranianos, colocando sob controle e subordinação a todos os oficiais,** sempre prontos para negociar com Moscou e o imperialismo.

Fora o FMI da Ucrânia! Nem um dólar só para pagar a fraudulenta dívida externa! Fora a Cargill e a Monsanto, e todos os expropriadores do povo! Expropriação sem pagamento e sob controle operário, dos bancos e das grandes propriedades dos oligarcas milionários e do imperialismo!

Os trabalhadores que estão no Donbass ocupado por Moscou nem são pagos, como vimos recentemente na greve de Zaporiya. **Somente unindo as forças dos trabalhadores de Kiev e do Donbass poderemos expropriar e recuperar sob o controle operário todas as minas privatizadas pelos governos lacaios do imperialismo em Kiev, e também por Putin, para colocar toda a mineração, todos os lucros para que todos os operários e suas famílias, de Donbass a Kiev possam comer e viver em paz.**

Também na Rússia, são os explorados que pagam os custos da guerra com o alto custo de vida, o desemprego e os trabalhadores que não recebem seus salários. Enquanto milhares de filhos da classe operária são perseguidos, torturados e presos por fugir do recrutamento forçado e denunciá-lo, outros milhares são arrastados para a linha da frente a morrer numa guerra fratricida. É por isso que **os soldados russos, trabalhadores e camponeses pobres sob armas devem desertar e lutar ao lado de seus irmãos ucranianos. É que nenhum povo que oprime outro pode se libertar.**

A unidade da classe operária de Petrogrado e Odessa, com a revolução operária triunfante, alcançou no início do século XX as reivindicações mais sentidas dos explorados, pão e uma vida digna. Por isso, hoje mais do que nunca, diante da ofensiva do imperialismo na região para recolonizá-la, é necessário lutar pela **restauração da ditadura do proletariado, da classe operária, sob formas revolucionárias, sem burocratas vendidos como aqueles que transformaram a URSS em uma prisão de nações e entregaram ao imperialismo as riquezas do povo e suas enormes conquistas.**

Por uma Ucrânia unida, soviética e independente! Que volte a URSS!

Só um exército vermelho de operários e camponeses pode derrotar, como fez em 1917, os exércitos imperialistas, as tropas brancas contrarrevolucionárias de Putin e da OTAN. Mas esta é uma tarefa da classe operária mundial.

A cínica esquerda social-imperialista e amiga de Putin diz ao martirizado povo ucraniano que, enquanto esquivam as bombas que todos os dias matam suas famílias e destroem suas cidades, enquanto libertam os operários do Donbass sob a bota de Putin, e lutam na frente de batalha para confraternizar e unir-se aos soldados russos, que devem derrotar Putin, Zelensky... e também devem derrotar a OTAN na Inglaterra, Alemanha, França e EUA ao mesmo tempo. Eles são canalhas!

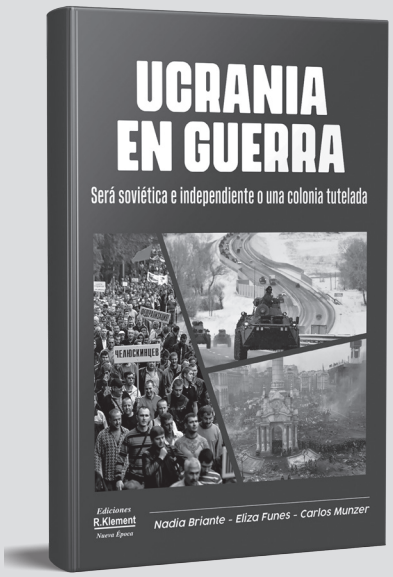
A OTAN será derrotada ao estender e generalizar a Comuna na toda França e na Europa, revoltando aos operários contra o Maastricht imperialista, para constituir os Estados Unidos Socialistas da Europa!

A OTAN será derrotada com os operários e a juventude reconquistando as ruas nos EUA, fazendo tremer aos piratas imperialistas ianques!

Sob as botas de Putin ou sob as botas dos EUA e da UE, a Ucrânia será partida e uma colônia tutelada. Somente a revolução socialista poderá deter esse destino desapiedado.

Por uma Ucrânia unida, soviética e independente! Que volte a URSS dos operários e camponeses, sem burocratas nem entregadores!

Eliza Funes e Nadia Briante



Proximamente apresentação do livro

UCRÂNIA EM GUERRA

Será soviética e independente
ou uma colônia tutelada

Ediciones R.Klement
Nueva Época

editorialrudolphklement

Editorial Socialista Rudolph Klement

18 de abril de 2023

UCRÂNIA A mais de um ano da invasão russa…

Uma nação oprimida, ocupada e massacrada por Putin.

Uma colônia cada vez mais endividada com o imperialismo e o FMI

A classe operária paga com seu sangue os custos dessa guerra de invasão que Moscou lhe impôs

Por uma direção proletária da guerra para derrotar o chacal Putin e romper com o FMI!

A nação oprimida e o proletariado ucraniano não podem ficar sozinhos
A juventude russa se levanta e se recusa a morrer por Putin e sua autocracia.
Na Europa de Maastricht e nos EUA, a classe operária já enfrenta os governos imperialistas.
Eles têm a chave para derrotar a OTAN e ajudar a Ucrânia massacrada!!

Os operários da França mostram o caminho!

O sofrimento das massas da Ucrânia continua a se aprofundar a mais dum ano após da invasão russa. **Os combates mais agressivos do açougueiro Putin estão localizados hoje na área do Donbass, centralmente nas cidades de Bakhmut e Avdiivka. No entanto, a Rússia atinge a Ucrânia com bombardeios aéreos, mísseis e foguetes também nas províncias de Kharkov, Zaporiya, Odessa, atacando toda a infraestrutura e aumentando dia após dia o número de mortes sob os escombros, bem como as dificuldades sem precedentes das massas.** É a classe operária que luta na guerra. A oligarquia e a burguesia ucranianas estão "licenciadas" e de férias fora do país há algum tempo.

Milhares de trabalhadores e suas famílias ainda vivem nas cidades bombardeadas, escondidos em porões, sem água nem eletricidade. Segundo dados oficiais, **já são mais de 200 mil mortos. O custo econômico da guerra para a Ucrânia é enorme: seu PIB contraiu 35% em 2022 e, somente em 2022**, o déficit orçamentário do estado ultrapassou US$ 25 bilhões.

15 de abril de 2023: Ataque con drones en Bajmut, en el este ucraniano

Os danos são estimados em US$ 138 bilhões.

A guerra está assumindo um caráter crônico: **Putin está atolado e não consegue controlar a totalidade dos territórios das províncias de Donetsk e Lugansk**, embora uma região desses territórios tenha ficado sob seu controle na chamada "Acordos de Minsk" com que a Rússia e o imperialismo dividiram a nação ucraniana. Esse "fracasso" do Kremlin se deve em grande parte ao que podemos chamar de "a arma mais poderosa" que a classe operária ucraniana possui: **a recusa dos soldados russos em morrer e matar pelos interesses do açougueiro do Kremlin**. Ou seja, a Rússia ainda está

Continúa en pág. 32